



Relatos de Práticas Curriculares Antirracistas

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SERRA - ES



PREFEITURA MUNICIPAL DA
SERRA



Luciana Galdino

Secretária Municipal de Educação

Por uma educação inclusiva e antirracista no município da Serra-ES

Os repertórios sócio-históricos e culturais do município da Serra (ES) compreendem uma importante diversidade étnico-racial. Considerando e fomentando as potências de enredos que valorizam a história e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas escolas, a Secretaria Municipal de Educação de Serra vem apresentar, por meio dos relatos de professores/as e profissionais de educação de sua rede de ensino, práticas pedagógicas alicerçadas em uma educação antirracista, encaminhadas pelo reconhecimento dessas diversidades e realizadas em nossas escolas.

A Secretaria Municipal de Educação da Serra compreende que, para a promoção de uma educação pública, gratuita e de qualidade, é preciso reconhecer que todos/as, educandos/as e educadores/as, são seres plurais e de direitos.

No intuito de colaborar com essas práticas, a Coordenação de Estudos Étnico-Raciais (Ceer) e a Gerência de Formação (Gefor) oferecem anualmente curso de formação continuada para profissionais da educação, compromisso assumido com a educação antirracista.

O curso de formação, que acontece há 14 anos no município, inclui estudos teóricos com troca de experiências educativas entre as/os participantes, os/as quais são orientados a relacionar suas práticas pedagógicas à abordagem da Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer), condição indispensável para a efetiva conclusão do curso.

Este e-book é composto das vozes que ressoam das práticas docentes, em seus encontros, desafios, contos e encantos, expressando as transcendências emancipatórias para uma educação inclusiva e antirracista, que acontecem nas unidades de ensino no território Serrano.

O propósito desta produção coletiva é publicizar tais práticas, a fim de inspirar outros professores/as, pedagogos/as, gestores/as escolares e toda a comunidade a efetivar uma educação antirracista, que resulte numa sociedade mais equânime.

Sumário

APRESENTAÇÃO	4	A EDUCAÇÃO INFANTIL	25	ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO	51
Encontros formativos de afirmação da vida e da história que insistem em não contar	5	Brincadeiras e jogos africanos e indígenas nas aulas de Educação Física	26	Práticas em Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer) aplicadas ao ensino de literatura afro-brasileira	52
A CIDADE, O BAIRRO	7	“Qual é o seu sonho?”	28	A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	54
Memórias da Revolta do Queimado: diálogos sobre re-existências do povo negro e patrimônios com estudantes das escolas de Serra (ES)	8	Projeto A Casa de Bonecas Negras	30	“Por que ele não lê?": uma reflexão sobre Erer e a influência da família e dos contextos sociais na alfabetização	55
Uma celebração à educação antirracista	10	Livro A descoberta de Alike e o Congo de Manguinhos no CMEI Vovó Ritinha	32		
O projeto VivaCidade e as relações étnico-raciais no cotidiano escolar	12	O ENSINO FUNDAMENTAL	34		
Planejamento escolar: diálogos sobre perspectiva das relações étnico-raciais nos projetos institucionais	14	Saberes ancestrais e educação contemporânea: a integração dos conhecimentos indígenas aos objetivos de conhecimento da BNCC	35		
A COMUNIDADE ESCOLAR	16	Racismo no futebol brasileiro	37		
À sombra do ipê, Leonelê: literaturas de cá e de além-mar!	17	Revisitando clássicos e valorizando a literatura afro-indígena brasileira	39		
Estudo de caso das relações étnico-raciais com os alunos do 1º ano das séries iniciais	19	Protagonismos indígenas	41		
Formações continuadas “EMEF Professora Valéria Maria Miranda conversando sobre história e cultura afro-brasileira” e “Formação antirracista”	21	Eu sou PRETAGONISTA!	43		
Professores negros que fazem a diferença na educação de Serra	23	Prazeres de Colares: a construção de uma memória sambista	45		
		Por uma prática pedagógica de combate ao racismo na educação	47		
		Memórias do meu lugar	49		



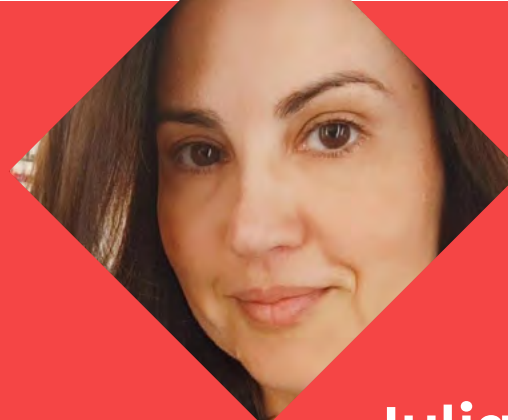
Apresentação

Encontros formativos de afirmação da vida e da história que insistem em não contar



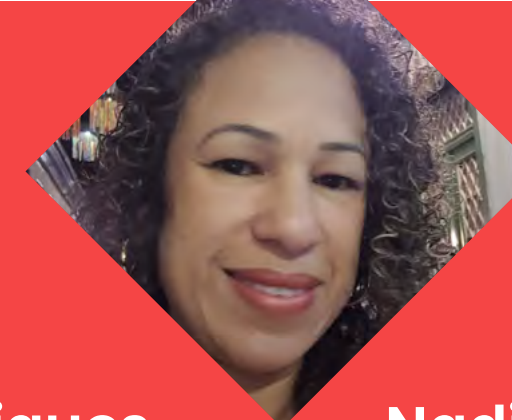
Andrea dos Santos Gabriel

Mestra e doutoranda em educação – Ufes, professora de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e assessora pedagógica na Ceer/Sedu-Serra



Juliana Rodrigues Melo Lucas

Mestra em ensino de humanidades – Ifes, professora de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e coordenadora na Ceer/Sedu-Serra



Nadia Juliana Rodrigues Serafim

Mestra em ensino de humanidades – Ifes, professora de história e assessora pedagógica na Ceer/Sedu-Serra

“Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.”

BELCHIOR

A Secretaria Municipal de Educação, por meio da Coordenação de Estudos Étnico-Raciais, realizou, em 2024, mais uma edição do curso “Educação para as Relações Étnico-Raciais” na rede municipal de ensino de Serra. Com carga horária de 100 horas e formato híbrido (presencial e on-line), o curso contou com participação por adesão. O movimento formativo ofereceu um espaço para problematizar o racismo, abordando como essa discriminação afeta o cotidiano escolar. Além disso, o curso busca promover e fortalecer práticas antirracistas por meio de estratégias pedagógicas e ações concretas no contexto da Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer).

VINCULAÇÃO À BNCC:

O curso valoriza e utiliza os conhecimentos historicamente construídos, promovendo a compreensão do papel histórico e cultural de pessoas pretas, pardas e indígenas na construção da sociedade brasileira. Ele também contempla outras competências, como empatia e cooperação, ao problematizar o racismo e propor práticas antirracistas, e responsabilidade e cidadania, ao conscientizar os/as educadores/as sobre a importância de combater o racismo e contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

DESENVOLVIMENTO:

Ah, nosso Brasil! Assim que foi explorado por ambiciosos opressores, seus povos originários tiveram suas vidas marcadas para sempre. Considerados insuficientes para garantir o progresso, o que lhes restou após o processo de colonização? Submissão e extermínio.

E o que foi feito depois disso?

Navios negreiros chegaram trazendo povos sequestrados de seus países, de sua cultura e de sua gente. Mercadoria. A carne mais barata do mercado tornou-se o motor do progresso dos opressores europeus. Uma mercadoria selecionada para impulsionar o enriquecimento às custas das mais diversas formas de crueldade e desumanização. Por mais de três séculos, essa exploração persistiu até que a suposta liberdade chegasse.

E ela chegou. Há mais de um século.

E o que foi feito depois disso?

Movimentos de luta de um coletivo em busca da afirmação da liberdade e igualdade de direitos, negados ao longo da história. Movimento de luta e resistência do povo negro. O Movimento Negro Unificado (MNU),

que desde a década de 1970 se consolida como um importante movimento social e político, tem contribuído para a implementação de políticas públicas em favor das populações negra e indígena no Brasil (Gomes, 2017).

E o que foi feito depois disso?

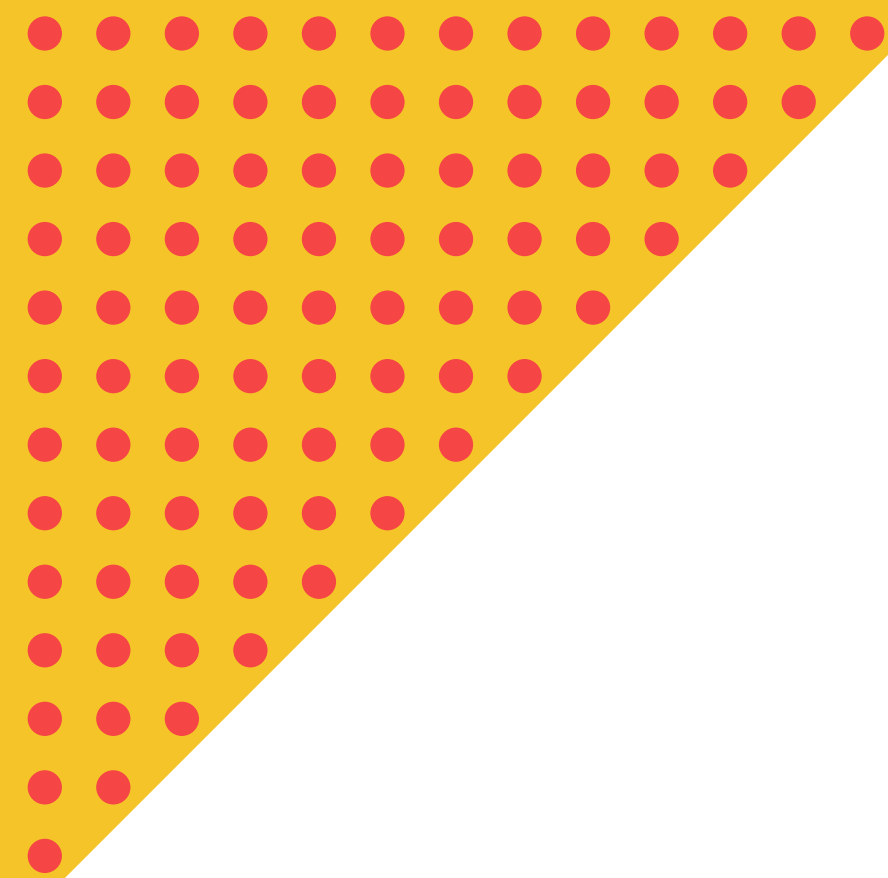
No campo da educação básica, a legislação foi alterada, abrindo caminho para que novas leis fossem criadas e fosse garantido o ensino da história e da cultura desses povos marginalizados. Agora, não haveria mais desculpas para invisibilizar uma história que o eurocentrismo ainda insiste em negar.

Mas, acreditem! Mais de duas décadas já se passaram, e ainda há quem prefira negar a legislação.

E o que foi feito depois disso?

Movimentos docentes foram criados para contar outra história. Com o objetivo de subsidiar o trabalho pedagógico nas unidades de ensino do município da Serra (ES), no âmbito das Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, a Secretaria Municipal de Educação, por meio da Coordenação de Estudos Étnico-Raciais, realizou,

Encontros formativos de afirmação da vida e da história que insistem em não contar



em 2024, mais uma edição do curso “Educação para as Relações Étnico-Raciais” na rede municipal de ensino de Serra. O curso, com carga horária de 100 horas, foi oferecido na modalidade híbrida (presencial e on-line).

O curso, por adesão, constitui um campo de força coletiva para problematizar o que afeta o cotidiano escolar, no âmbito da Erer. Nos encontros realizados em 2024, as professoras e os professores constituíram movimentos curriculares coletivos de afirmação das vidas negras e indígenas – vidas que escapam do controle e insistem em perseverar, mesmo quando, cotidianamente, tentam aprisioná-las.

RESULTADOS:

Em cada encontro, um/a convidado/a disparava questões sobre a temática, e os participantes expressavam suas afecções (Spinoza, 2009), dialogando, problematizando e compartilhando saberes e práticas cotidianas. A seguir, algumas enunciações expressam a força do que se constituiu coletivamente nas unidades de ensino ao longo do curso. Tais enunciações não se referem a um sujeito centrado, mas a uma multiplicidade (Deleuze, 2018) docente que, cotidianamente, insiste em afirmar a vida na escola: vida negra; vida indígena; vida; diferença.

Essa semana, estava trabalhando a semana indígena com brincadeiras e histórias. Uma aluna disse: “Tia, hoje é dia do índio, né? A gente não vai se pintar não?” Eu então respondi que hoje é o dia dos povos originários, que estavam aqui antes de nós, e que eles se pintam para ocasiões importantes, como o nascimento, festas... Hoje não é dia de se maquiar, é dia de pensar: quantos alunos indígenas temos entre nós? Quantos professores, médicos e outros profissionais indígenas temos entre nós? Eles pararam e ficaram pensando. Foi bem interessante.

Outra professora ressaltou a importância de envolver as famílias nesses movimentos curriculares na perspectiva da Erer: “Hoje, realizei na escola uma roda de conversa com as famílias das turmas de 1º ano. Apresentamos a Lei 10.639 e falamos sobre nossas práticas”.

Uma pedagoga relatou o assessoramento pedagógico em sua unidade de ensino: “*Ontem, falei sobre a aplicabilidade da Lei 10.639/03 nos documentos oficiais no âmbito escolar, documentando ações. Foi um dos movimentos mais potentes que fizemos. Ninguém parecia querer ir embora.*”.

Nesses movimentos coletivos, muitas outras enunciações foram tecidas e problematizadas, de modo a movimentar o pensamento e interrogar: E o que se faz depois disso? O que se conclui (provisoriamente, sempre!) é que, como pessoas de luta, precisamos contagiar outros(as) professores(as), mostrando que, apesar de, cotidianamente, tentarem invisibilizar, diminuir e desumanizar as vidas negras e indígenas, há uma potência coletiva no cotidiano escolar que, entre formas e forças, insiste em afirmar a diferença e a vida. Porque esta (a vida) não se deixa aprisionar!

PALAVRAS-CHAVE:

Movimentos curriculares formativos

Resistências coletivas

Vidas negras e indígenas

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 9 set. 2024.


BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 9 set. 2024.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

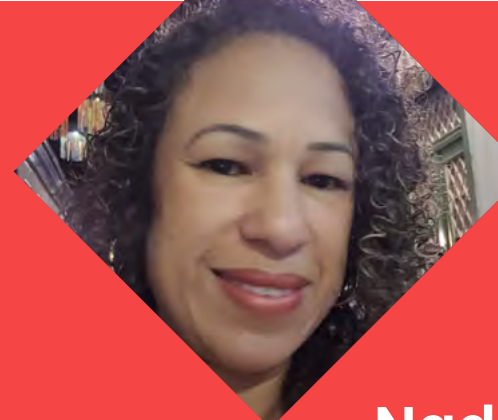
SUJEITO de sorte. Intérprete e compositor: Belchior. In: ALUCINAÇÃO. Intérprete: Belchior. [S. l.]: Phonogram, 1976. 1 CD, faixa 4 (3 min).



A Cidade,
o Bairro

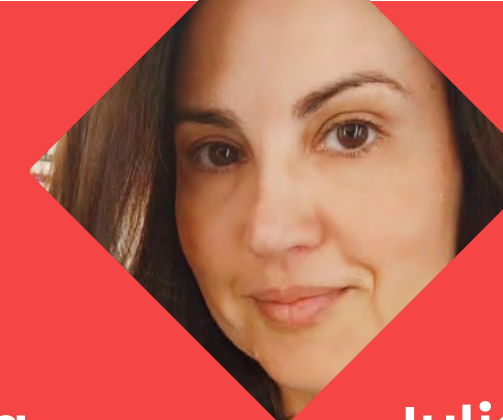
Memórias da Revolta do Queimado: diálogos sobre re-existências do povo negro e patrimônios com estudantes das escolas de Serra (ES)

Este relato apresenta práticas educativas vivenciadas com estudantes do Ensino Fundamental desenvolvidas pela Coordenação de Estudos Étnico-Raciais da Secretaria de Educação do Município de Serra (Ceer/Sedu), a partir da memória e da trajetória da Revolta do Queimado, história local ocorrida em meados do século XIX. Como ponto de partida, valorizaram-se territórios e memórias dos/das estudantes. O principal propósito foi reconhecer as contribuições afro-brasileiras, a fim de possibilitar o fortalecimento de pertencimentos e protagonismo. Outro objetivo foi avaliar os avanços e retrocessos no combate às desigualdades e ao racismo em nossa sociedade. Foram realizadas rodas de conversa e visitas ao Sítio Histórico do Queimado, em um projeto desenvolvido em parceria entre a Ceer e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).



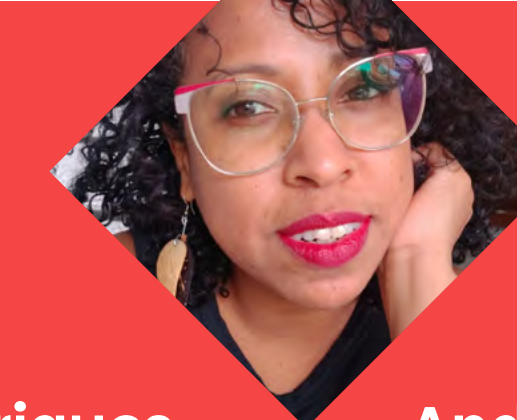
Nadia Juliana Rodrigues Serafim

Licenciada e bacharel em História – Ufes, mestra em Ensino de Humanidades – Ifes, assessora da Ceer/Sedu-Serra



Juliana Rodrigues Melo Lucas

Pedagoga – Ufes, mestra em Ensino de Humanidades – Ifes, coordenadora da Ceer/Sedu-Serra



Andrea dos Santos Gabriel

Licenciada em Pedagogia – Ufes, mestra em Educação – Ufes, assessora da Ceer/Sedu-Serra

VINCULAÇÃO À BNCC:

O trabalho com uma educação antirracista, para ser realizado, necessita estar amparado por diversas frentes, no enfrentamento ao racismo no ambiente escolar e em toda a educação (Munanga, 2005). Tendo como base as Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que, respectivamente, garantiram a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena em todo o currículo das escolas brasileiras, as práticas para uma educação antirracista precisam envolver os diversos signos artísticos, culturais e históricos, com o propósito de descolonizar os currículos (Gomes, 2012), enfrentando as consequências dos padrões histórico-sociais impostos por um processo de quase quatro séculos de escravização negra e indígena.

DESENVOLVIMENTO:

Diante da potência das contribuições histórico-culturais afro-brasileiras da cidade e dos movimentos pedagógicos antirracistas para os/as estudantes, foi desenvolvida uma prática pedagógica que valorizou os repertórios da comunidade e um fato histórico local: a Revolta do Queimado. Foram realizadas duas práticas: rodas de conversa sobre o tema nas escolas e um projeto de educação patrimonial, em parceria com profissionais do Iphan, constituído por visitas ao Sítio Histórico do Queimado.

Embora tenha sido a maior revolta da população negra escravizada do Espírito Santo, em 1849 e uma memória importantíssima de resistência negra que aconteceu na Serra, e que é resguardada por sua historicidade e pelos patrimônios culturais materiais e imateriais, é pouco reconhecida pela maioria das pessoas, incluindo nossos/as estudantes. O principal objetivo foi favorecer ao coletivo de estudantes o fortalecimento de memórias afetivas e pertencimentos no território em que vivem.

Memórias da Revolta do Queimado: diálogos sobre re-existências do povo negro e patrimônios com estudantes das escolas de Serra (ES)



Figura 1: Visita ao Sítio Histórico e Arqueológico de São José do Queimado

VISITAS MEDIADAS AO SÍTIO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DO QUEIMADO

O projeto foi proposto pelo Iphan, em parceria com a Ceer de Serra. Os momentos foram desenvolvidos por historiadores/as, arqueólogos/as e antropólogos/as do Iphan, com mediação das assessoras da Ceer. A prática pedagógica foi constituída por visitas guiadas e atividades de educação patrimonial no Sítio Histórico e Arqueológico do Queimado, destacando o reconhecimento das contribuições afro-brasileiras. A ação foi realizada com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.



Foto: Arquivo CEER, 2024.

NO COMPASSO DAS VIVÊNCIAS COM AS MEMÓRIAS DO QUEIMADO:

Os diálogos interativos ocorreram com estudantes do Ensino Fundamental, tanto nos anos iniciais quanto nos anos finais. Os momentos foram desenvolvidos por assessoras pedagógicas da Ceer, e a temática abordada foi: “Trajetórias e Re-Existências do Povo Negro na Serra: Memórias do Queimado”. A prática pedagógica foi organizada na escola, com o espaço ornamentado com elementos de representatividade da cultura afro-brasileira (instrumentos, bonecos, tecidos), utilizados como mediadores da conversa, que também contou com a projeção de imagens e vídeos. Na oportunidade, foram escutadas algumas narrativas dos/das estudantes, que mencionaram (nomes fictícios com referência a personalidades da revolta):

“Onde fica Queimado?”

CHICO PREGO

“Nossa professora, eu não conhecia essa história.”

ELISIÁRIO

RESULTADOS:

Repercutindo histórias e experiências: Nos movimentos realizados com a historicidade afro-brasileira, percebeu-se, pelos relatos e pelas expressões dos/das estudantes, que a maioria deles/as se identificou com o processo de conhecer, participar e reconhecer a relevância dessas histórias em suas vivências cotidianas. Essas narrativas compõem o território em que vivem, e, abrangendo suas histórias de vida, as/os estudantes demonstraram protagonismo, interagindo e contribuindo com as atividades propostas. Entre as indagações, observou-se a prevalência de questões como: a insuficiência de trato com o tema, a necessidade de trabalhar com a temática e a importância de conhecer a história do povo negro no município. Desse modo, as práticas educativas e vivências foram encaminhadas pelas premissas da valorização da história e cultura negra em Serra, como fomento para uma educação antirracista.

PALAVRAS-CHAVE:

História e cultura afro-brasileira

Estudantes

Patrimônio

Queimado

REFERÊNCIAS:

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

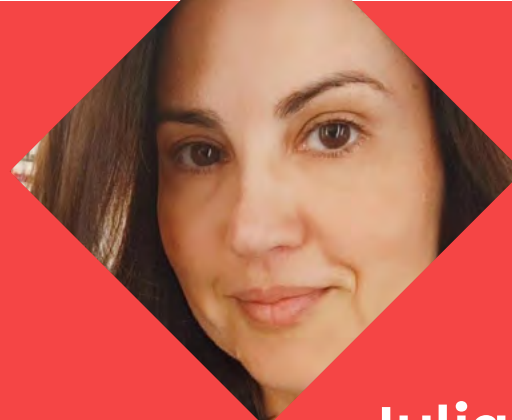
MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

Uma celebração à educação antirracista



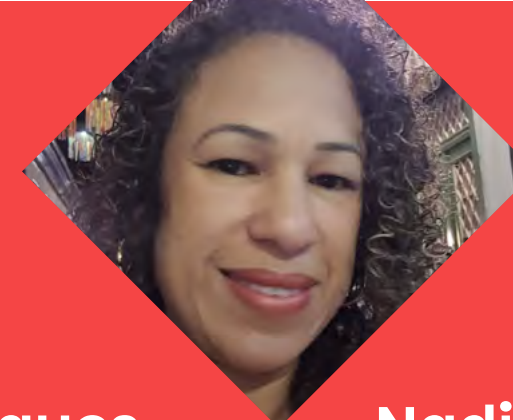
Andrea dos Santos Gabriel

Licenciada em Pedagogia – Ufes, mestra em Educação – Ufes, assessora da Ceer/Sedu-Serra



Juliana Rodrigues Melo Lucas

Pedagoga – Ufes, mestra em Ensino de Humanidades – Ifes, coordenadora da Ceer/Sedu-Serra



Nadia Juliana Rodrigues Serafim

Licenciada e bacharel em História – Ufes, mestra em Ensino de Humanidades – Ifes, assessora da Ceer/Sedu-Serra

“Nós somos o começo, o meio e o começo. Existiremos sempre, sorrindo nas tristezas para festejar a vinda das alegrias. Nossas trajetórias nos movem, Nossa ancestralidade nos guia.”

NÊGO BISPO

A Prefeitura Municipal de Serra reafirma cotidianamente seu compromisso com a população serrana e, em especial, com suas crianças e seus estudantes. Com esse olhar, não ignora o contexto étnico-racial e pluricultural de seus munícipes, refletido também no ambiente escolar. Encontramos números expressivos de declarados negros, agrupamento de pretos e pardos, chegando ao total 67,7%, ou seja, quase 3/4 dos/das estudantes da nossa rede são negros.

Considerando a diversidade de sujeitos presentes na escola e em suas famílias, a Prefeitura, por meio da Coordenação de Estudos Étnico-Raciais (Ceer), realiza desde 2019 o Afrocelebrarte, um evento anual que tem como objetivo promover uma educação antirracista e equânime, fortalecendo e valorizando a diversidade cultural no município.

VINCULAÇÃO À BNCC:

A Ceer, da Secretaria Municipal de Serra, contribui para a implementação da Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer) nas unidades de ensino do município da Serra (ES). O evento Afrocelebrarte, alinhado às Leis nº 10.639/2003, 11.645/2008 e 12.288/2010, dialoga com as competências gerais da BNCC, como a valorização da diversidade cultural (competência 9), o exercício da empatia e do diálogo (competência 8) e a promoção dos direitos humanos (competência 10). Essas ações fortalecem o respeito às identidades afro-brasileiras e indígenas, promovendo uma educação que reconhece e valoriza a história e a pluralidade do povo brasileiro.

DESENVOLVIMENTO:

Entre os desafios para garantir uma educação pública, gratuita, de qualidade, inclusiva e equânime, está o enfrentamento das desigualdades e injustiças sociais desencadeadas por práticas e atitudes racistas, naturalizadas na sociedade brasileira. Nesse contexto, a promoção de uma educação antirracista configura-se como um ato político, pois busca a transformação da sociedade em que vivemos, marcada pelo racismo estrutural. Nessa perspectiva, torna-se essencial implementar ações de combate às desigualdades sociais e conscientização sobre o racismo, que retira direitos e impede a emancipação dos sujeitos oprimidos.

Dessa forma, a Secretaria Municipal de Educação e as unidades de ensino devem desenvolver ações concretas, seja investindo na gestão de políticas voltadas à educação das relações étnico-raciais, seja fortalecendo marcos legais e reformulando os currículos. Também é fundamental que invistam na formação de professores/as, estudantes, funcionários técnicos, gestores e na comunidade escolar, além de promoverem a aquisição de material didático adequado e a implementação de uma gestão voltada à igualdade racial dentro das escolas.

Uma celebração à educação antirracista

Figura 2: Evento V Afrocelebrarte – 2023



Fonte: Acervo das autoras (2024).

O trabalho pedagógico voltado para a construção da identidade étnico-racial, especialmente da população negra que, social e historicamente, tem sido vítima de marginalização e invisibilização, precisa ser uma prática cotidiana nas unidades de ensino. A professora Nilma Lino Gomes (2003, p. 171) afirma que “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros”.

Nesse sentido, com o Afrocelebrarte, a Sedu de Serra busca estimular o reconhecimento das culturas que foram negadas e silenciadas há séculos nos espaços escolares. Essa ação é imprescindível e é ratificada pelo professor Kabengele Munanga, ao afirmar que “[...] é necessário que a Escola resgate a identidade dos afro-brasileiros” (Munanga, 1999, p. 55).

O Afrocelebrarte, mais do que um evento, representa a afirmação do compromisso de todos os níveis e todas as modalidades de ensino com a promoção de uma educação que assegure oportunidades para todos na escola. Na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contempla as interações, as brincadeiras e os conceitos como preconceito e discriminação racial, por meio de práticas que promovem a igualdade racial. Já nos anos finais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a questão é abordada nos componentes curriculares distribuídos entre as quatro grandes áreas do conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, além do Ensino Religioso.

RESULTADOS:

O evento, em cada uma de suas cinco edições, além de contar com a participação de profissionais da rede, homenageou, em seu nome, um/uma professor/a que é referência nas discussões das relações étnico-raciais em nosso município: I AfroCelebrarte 2019 – Edição Professora Hileia Araújo de Castro; II AfroCelebrarte 2020 – Edição Professor Gustavo Henrique Araújo Forde; III AfroCelebrarte 2021 – Edição Professora Valeska Mathias; IV AfroCelebrarte 2022 – Edição Professor Nourival Cardozo Júnior; e V AfroCelebrarte 2023 – Edição Fátima Tolentino, ativista do Movimento Negro no Espírito Santo e, especialmente, em Serra.

Essa escolha reflete o entendimento, como aponta a professora Nilma Lino Gomes (2017), de que o movimento negro atua como um agente educador.

A iniciativa de celebrar tais práticas reforça o compromisso de promover a igualdade na diversidade e disseminar iniciativas culturais afirmativas, legitimando autores/as locais em um processo social de valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro e do reconhecimento da história e da contribuição da população negra no município de Serra, assim como na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação para as Relações Étnico-Raciais

Afrocelebrarte Prática pedagógicas antirracistas

REFERÊNCIAS:

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQbwjG5nSQpk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2024.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

O projeto VivaCidade e as relações étnico-raciais no cotidiano escolar



Lucila da Silva Tenório Gobira

Pedagoga – Faculdade de Educação de Vitória
EMEF Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho

O projeto **VivaCidade** nasceu com o objetivo de proporcionar aos/às estudantes e professores/as o conhecimento sobre a cidade onde vivem, sua localização e o sentimento de pertencimento à comunidade escolar e ao bairro onde a escola está inserida. Ao perceber a necessidade de abordar temáticas relacionadas à geografia do município, a equipe pedagógica construiu, de forma colaborativa, um plano de mediação pedagógica usando a leitura como um dos instrumentos para construção de novos saberes e conhecimentos, proporcionando aos/às estudantes a ampliação da visão de mundo, promovendo a reflexão e possibilitando que adquiram uma posição ativa em seu processo de aprendizagem.

VINCULAÇÃO À BNCC:

A BNCC preconiza uma educação que seja não apenas acadêmica, mas também integral, levando em conta as experiências dos/das estudantes em seus contextos locais. Ela também enfatiza que a leitura é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento da linguagem e para a compreensão do mundo ao redor, destacando a importância de proporcionar o acesso a diferentes tipos de textos, desde contos tradicionais até literatura contemporânea, promovendo a reflexão sobre o ambiente onde os/as alunos/as vivem.

DESENVOLVIMENTO:

Ao iniciar o ano letivo, a unidade de ensino realiza encontros para diálogos coletivos com toda a equipe escolar – professores/as, pedagogos/as, coordenadores/as e direção – para construir o plano de ação, no qual são traçadas as ações pedagógicas que serão desenvolvidas durante todo o ano para as turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Esses momentos de planejamento são potentes e de suma importância para a organização escolar, administrativa e pedagógica.

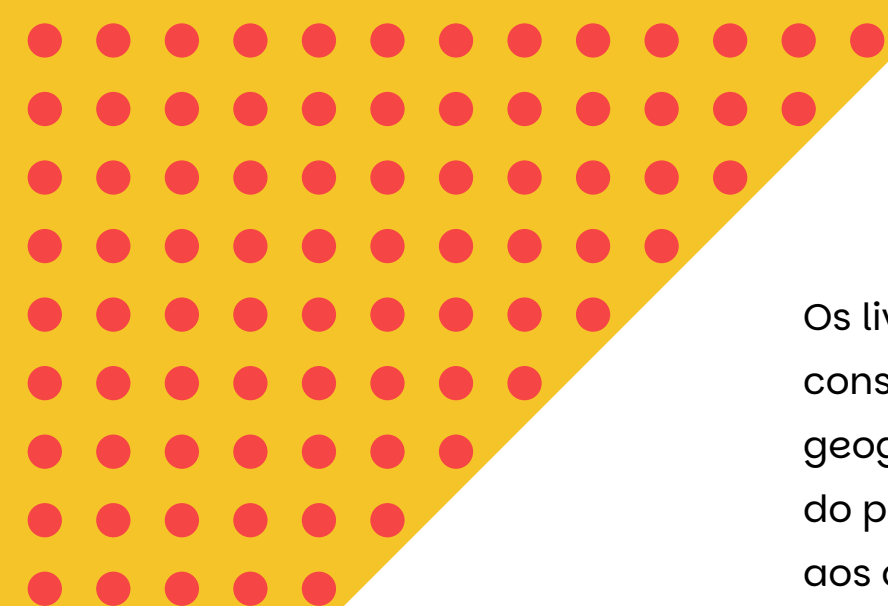
Um dos apontamentos relevantes dos docentes, que preocupou toda a equipe, foi que os/as alunos/as apresentam dificuldades em relação à sua localização e à de suas residências. Alguns não sabiam responder a essa questão. Diante de tal fragilidade, esse foi o ponto de partida para dar início ao projeto VivaCidade. De forma democrática e coletiva, toda a equipe escolar contribuiu com ideias e debateu e discutiu as ações pedagógicas que seriam desenvolvidas no ano letivo.

A leitura é vivenciada ao longo de todo o percurso do projeto. Foram adotadas três obras literárias que contemplam tanto a questão histórica e geográfica do

município de Serra (ES), quanto importantes referenciais teóricos, como as Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio. Para Freire (1989), ler é transformar a realidade do meio inserido e instigar o ser humano a ir do papel de mero receptor de ideias para o de desafiante, interpretando e reinventando o mundo, na busca da liberdade.

As obras literárias selecionadas foram: As cores de Kito, A descoberta de Alike e Insurreição de Queimado: da resistência ao caminho da liberdade, todas embasadas nas leis citadas, com personagens pretos, valorizando a cultura africana, retratando os acontecimentos ocorridos na cidade de Serra (ES), narrando e apresentando pontos turísticos, histórias, culturas ancestrais e manifestações culturais. Essas obras proporcionaram aos/às alunos/as o conhecimento do município por meio da leitura, aguçando a imaginação e a criatividade e criando representatividade com um viés lúdico, colorido e cultural.

O projeto VivaCidade e as relações étnico-raciais no cotidiano escolar



Os livros Serra: nosso município: noções históricas e geográficas e A construção do Espírito Santo embasam o projeto na questão histórica e geográfica. Todas as obras citadas e os livros compõem uma das ações do projeto: a construção e confecção da apostila VivaCidade, permitindo aos alunos conhecerem o município de Serra em seus aspectos culturais, geográficos, industriais, turísticos e históricos.

Figura 3



Fonte: Acervo da autora (2024).

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
 CAMARGO, Rafaela. **A descoberta de Alike**. Vitória, ES: Nsoromma, 2023.
 CAMARGO, Rafaela. **As cores de Kito**. Vitória, ES: Nsoromma, 2024.

Como a escola não tem biblioteca, outra ação do projeto, para que todos os/as alunos/as tivessem acesso e fossem contemplados com as diversas literaturas, foi criar a Caixoteca. Trata-se de uma caixa de plástico com variadas obras literárias, leve e de fácil locomoção, o que permite que seja levada e utilizada em todos os espaços da escola para fomentar a leitura. Considerando a importância da literatura no cotidiano escolar como uma prática cultural, a Caixoteca possibilita o acesso

aos livros, à leitura e à construção de novos saberes e conhecimentos no processo formativo, fortalecendo as ações que já estão sendo desenvolvidas no projeto VivaCidade. O objetivo é ampliar as metodologias didáticas e os recursos para aulas mais atraentes, interativas e diversificadas. Vale ressaltar que as questões sobre direitos humanos, sustentabilidade, inclusão e o Setembro Verde estão inseridas no projeto e são trabalhadas de forma interdisciplinar.

RESULTADOS:

Os/As alunos/as e professores/as abraçaram o projeto VivaCidade, que ainda está em andamento. As atividades desenvolvidas proporcionam novas experiências aos estudantes, potencializando habilidades, pensamento crítico, novos conhecimentos e perspectivas únicas, que podem contribuir para o desenvolvimento do mundo ao seu redor, tornando-os ativos em suas comunidades e protagonistas de sua própria história. Algumas atividades já foram concluídas com êxito, e outras ainda estão em andamento para a culminância do projeto em 20 de novembro de 2024.

PALAVRAS-CHAVE:

- Localização
- Projeto VivaCidade
- Leitura

Figura 4



Fonte: Acervo da autora (2024).

CONTI, Raquel Félix. **A construção do Espírito Santo**. Vitória, ES, 2016.
 COSTA, Joelmo Jorge Freitas. **Serra: nosso município: noções históricas e geográficas do município de Serra para o Ensino fundamental**. Serra, ES: Formar, 2019.
 FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.
 SILVA, Anna Lívia Ferreira da et al. **Insurreição de Queimado: da resistência ao caminho da liberdade**. Vitória, ES: Nsoromma, 2023.

Planejamento escolar: diálogos sobre perspectiva das relações étnico-raciais nos projetos institucionais



Valeska Santos Bergamaschi

Pedagoga – Cesat

EMEF Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho

O início do ano letivo em uma escola é marcado por planejamentos que envolvem toda a equipe pedagógica. Segundo Libâneo (1994), “o planejamento é um meio para programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação”. Nesse sentido, em encontros formativos com a equipe pedagógica da EMEF Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho no ano de 2024, os/as professores/as perceberam a necessidade de abordar temáticas relacionadas à geografia do município de Serra, com destaque para o bairro Cidade Continental, local da unidade de ensino. Foi então construído e executado um plano de mediação pedagógica. Este trabalho tem como objetivo discutir a importância do planejamento escolar dos pedagogos com os docentes, garantindo a implementação dos referenciais bibliográficos obrigatórios no processo de ensino-aprendizagem.

VINCULAÇÃO À BNCC:

O planejamento pedagógico descrito no texto segue os princípios da mediação pedagógica e da pesquisa e reflexão, que são essenciais na BNCC para promover o desenvolvimento de práticas de ensino significativas e contextualizadas. O trabalho com os referenciais bibliográficos obrigatórios também está em consonância com a competência 5, que enfatiza a necessidade de garantir o acesso a conteúdos que favoreçam a aprendizagem dos estudantes.

DESENVOLVIMENTO:

O início do ano letivo em uma escola é marcado por planejamentos que envolvem toda a equipe pedagógica. Segundo Libâneo (1994), o planejamento articula a atividade escolar e a problemática social em um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente. Nesse sentido, diante da necessidade de desenvolver um projeto institucional para o ano de 2024 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, localizada no bairro Cidade Continental, em Serra, foram realizados encontros com todos os membros da equipe escolar do turno matutino – diretora, professores/as regentes e de áreas de conhecimento, pedagogos e coordenadores – para que, em diálogo coletivo, fossem traçadas metas e ações pedagógicas para todas as turmas da unidade de ensino. A equipe de professores/as é composta de docentes formados em pedagogia e por profissionais de diferentes áreas de conhecimento, que acompanham turmas do Ensino Fundamental inicial e final. Ao ouvir e considerar os pontos apresentados pelos/as docentes para a realização do projeto institucional, bem como as

Planejamento escolar: diálogos sobre perspectiva das relações étnico-raciais nos projetos institucionais

fragilidades e lacunas apontadas, surgiu a necessidade de planejar um projeto que envolvesse a geografia e a história do município de Serra, com foco inicial no bairro da escola (Cidade Continental).

Os/as docentes destacaram que os/as alunos/as (principalmente das séries finais do Ensino Fundamental), ao serem questionados sobre a localização de suas casas e da escola, não sabiam responder. Essa fragilidade preocupou os/as professores/as e, diante da possibilidade de construir um projeto institucional de grande valia para a comunidade escolar, trouxeram à tona essa necessidade. Nesse sentido, surge o projeto VivaCidade, que tem por objetivo fomentar o sentimento de pertencimento à comunidade escolar e ao bairro onde a escola está inserida.

A equipe pedagógica, então, construiu um plano de mediação que incluiu as ações que seriam desenvolvidas durante o ano letivo de 2024, com os referenciais teóricos discutidos no projeto.

Em meio a esse processo, a orientação aos profissionais foi no sentido de incluir em seus planejamentos referenciais teóricos importantes, como as Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio. A intenção era que, em meio às ações do projeto VivaCidade, práticas pedagógicas fossem desenvolvidas na perspectiva da Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer). Alguns docentes formados e efetivos na Prefeitura há muitos anos careciam de apropriar-se da informação, mas todos, após intervenção, esforçaram-se para cumprir as ações planejadas.

A construção do projeto e de suas nuances aconteceu de forma coletiva. Os/as professores/as das diferentes áreas de conhecimento reuniram-se em formações posteriores e contribuíram com seus saberes e, em formulário próprio, preencheram as ações que seriam desenvolvidas no decorrer do ano letivo. Em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), destaca-se a importância de as políticas públicas garantirem, no calendário escolar, os planejamentos coletivos e as formações continuadas dos/das professores/as. Nesses dias, os/as docentes têm a oportunidade de apropriar-se de informações atualizadas sobre leis, normativas, decretos e bibliografias essenciais para seu trabalho e discutir, coletivamente, o impacto desses dados no cotidiano escolar.

Ademais, a atuação do/a pedagogo/a dentro do processo educacional é de extrema importância para o desenvolvimento de projetos educativos, a pesquisa e o planejamento do sistema de ensino. Neste caso, em particular, foi possível orientar os/as docentes (até mesmo aqueles com muitos anos de formação) para que tivessem acesso a informações preciosas e, principalmente, à perspectiva da Erer.

A professora realizadora da atividade, na função de assessoramento pedagógico, não apenas orientou, mas também aprendeu com todo o processo de aprendizagem do projeto. Na realização das ações, ressaltou-se o esforço dos/das docentes em proporcionar diferentes experiências aos/as alunos/as. Nesse sentido, foi incentivada a aquisição de livros para melhorar o acervo didático dos/das professores/as, a inclusão de temáticas importantes, como o Setembro Verde, a utilização de vídeos pedagógicos e a discussão sobre a Ressurreição de Queimado, tema este que passará a ser contemplado nos livros didáticos de todo o território nacional.

Muito embora o ano letivo de 2024 ainda esteja em andamento, a realização de algumas tarefas já foi concluída, e outras demandas seguem em passos de conclusão.

PALAVRAS-CHAVE:

Planejamento escolar

Equipe pedagógica

Leis

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

A Comunidade Escolar

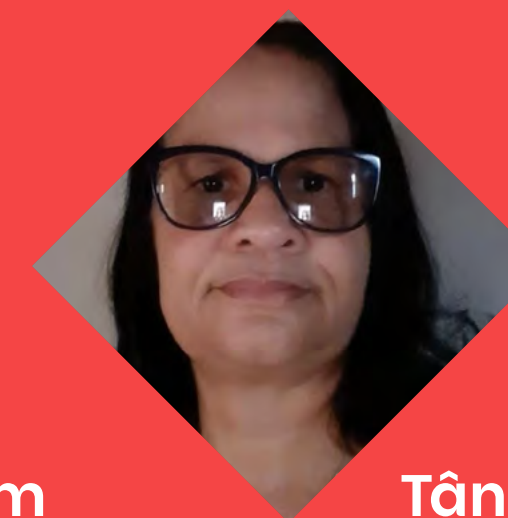


À sombra do ipê, Leonelê: literaturas de cá e de além-mar!



**Fernanda Alves de Amorim
Ruy Bobbio**

Pós-graduada em Alfabetização – Faac
EMEF Leonel de Moura Brizola



Tânia Maria dos Santos

Pós-graduada em Gestão em Educação – Uesc, Educação
Infantil – Uesc, Mestrado em Humanidades – IFES
EMEF Leonel de Moura Brizola

Práticas de leitura e escrita de literaturas com a temática afro-brasileira, articuladas à vida de estudantes da periferia de Serra (ES), agregam elementos para a construção de uma comunidade escolar antirracista. Ao apresentar histórias afro-brasileiras e africanas em que o protagonismo negro é evidente, em que rainhas e princesas são representadas, torna-se possível levar os/as estudantes a sonharem e acreditarem que o lugar que desejarem ocupar na sociedade é plenamente alcançável. Essa articulação gera conhecimento, problematiza a educação e as relações étnico-raciais e fortalece a cultura e a história afro-brasileiras.

VINCULAÇÃO À BNCC:

As Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 obrigam a inclusão da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo da rede oficial de ensino no Brasil. Este projeto contribui para o ensino da diversidade cultural e étnico-racial. Ao abordar as histórias afro-brasileiras e africanas como parte do currículo escolar, promove-se uma educação inclusiva e a reflexão crítica sobre as relações étnico-raciais.

DESENVOLVIMENTO:

O projeto, que está sendo desenvolvido ao longo de 2024, permeia as vivências escolares com a construção de práticas de leitura e escrita de literaturas afro-brasileiras como uma forma de resistência e combate ao racismo. Ao analisarem os dados das matrículas dos/das estudantes na Rede Municipal de Ensino de Serra (ES), com a finalidade de identificar o perfil étnico-racial dos/das estudantes, Polez, Trancoso e Oliveira (2020) afirmam que:

Antes de analisarmos os números apresentados, cabe elucidar que o Estatuto da Igualdade Racial, instituído pela Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, considera como população negra, no parágrafo único – IV, o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, pode-se afirmar, com base nos dados estatísticos do Censo Escolar 2019, que 69,5% da população estudantil do município serrano é negra.

À sombra do ipê, Leonelê: literaturas de cá e de além-mar!

Inicialmente, buscou-se resgatar a representatividade das crianças negras, ressaltando a beleza de seus cabelos e corpos. Foram trazidas para o ambiente escolar literaturas de autoras e autores capixabas, em sua maioria negros/as. A metodologia utilizada, além da pesquisa bibliográfica, inclui a constituição de grupos de estudo com os/as professores/as e, a partir das rodas de

conversa com os/as estudantes, a organização de todo o projeto. Cada turma tem sua literatura disparadora, que está sendo trabalhada em rodas de leitura, palestras, brincadeiras, jogos, entre outros.

Procurou-se trazer para a comunidade escolar histórias em que o/a estudante possa se enxergar como protagonista e ser inserido nas tramas, deixando de lado a princesa dos contos tradicionais, loira e de olhos azuis, e considerando a realidade vivida por esses/as estudantes, que em nada se assemelha a castelos luxuosos e banquetes. A experiência apresentada possibilitou despertar a curiosidade e a capacidade leitora, incentivadas pela literatura afro-brasileira e pelo resgate da formação do povo brasileiro, valorizando as heranças culturais da ancestralidade africana.

Foram feitas sacolas literárias com o livro da turma para o desenvolvimento de atividades em família. Utilizou-se a história do samba e a importância desse movimento histórico-cultural para realizar a culminância do projeto, que aconteceu para as famílias dos/das estudantes, com apresentações musicais para toda a comunidade escolar em novembro de 2024.

RESULTADOS:

O projeto foi iniciado no segundo trimestre de 2024: foi realizado o envio das sacolas literárias com o livro da turma para as famílias e o desenvolvimento, em cada sala de aula, de atividades relacionadas a cada literatura disparadora. A instituição de ensino tem 1.145 alunos/as, distribuídos nos turnos matutino e vespertino. Com a institucionalização do projeto, conseguiu-se atender toda a escola. Ainda há alguns poucos profissionais que não despertaram para a necessidade da efetivação das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, mas espera-se que, a cada ano, seja possível desenvolver um projeto mais envolvente, que alcance a todos. A culminância acontecerá no dia 23 de novembro de 2024.

PALAVRAS-CHAVE:

Lei nº 10.639/2003

Lei nº 11.645/2008

Literatura afro-brasileira

Relações étnico-raciais

Figura 5: Registros das práticas



Fonte: Acervo das autoras (2024)

REFERÊNCIAS:

POLEZ, Franciele Teixeira da Silva; TRANCOSO, Joelma dos Santos Rocha; OLIVEIRA, Eduardo Augusto Moscon. Educação para as relações étnico-raciais no município da Serra-ES: uma análise das orientações curriculares de 2008. *@arquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 271-293, 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/24267>. Acesso em: 5 jul. 2022.

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

Estudo de caso das relações étnico-raciais com os alunos do 1º ano das séries iniciais



Juliana Gomes Machado

Pedagoga com licenciatura plena em Educação Infantil; pós-graduada em Alfabetização e Letramento
EMEF Prof.ª Amélia Loureiro Barroso

A construção de novos saberes depende da participação ativa de educadores/as, estudantes e, muitas vezes, da comunidade escolar. Ao utilizar a pesquisa-ação, uma abordagem pedagógica que integra a pesquisa ao cotidiano da sala de aula, promove-se a reflexão e ação simultâneas, estimulando um ambiente de liberdade e confiança. Utilizou-se o Dia das Mães e o Dia da Abolição da Escravatura para desnaturalizar o racismo no ambiente escolar, possibilitando a construção de um novo olhar para a educação racial.

VINCULAÇÃO À BNCC:

A formação de uma educação antirracista perpassa a promoção de valores de equidade racial e a valorização das diferentes culturas no currículo escolar, como estabelecido pela Lei nº 10.639/2003. Desenvolver a empatia, a convivência e a colaboração para a construção de soluções coletivas promovem a valorização da diversidade cultural e a promoção da reflexão crítica e da convivência democrática.

DESENVOLVIMENTO:

A pesquisa buscou naturalizar o negro como fonte de conhecimento e pesquisa, e propiciou o questionamento do racismo por uma ótica socio-pedagógica. Utilizou-se desse viés para incluir a questão como algo que perpassa o currículo e, acima de tudo, se manifesta nas ações cotidianas da escola e da sociedade.

PRÁTICAS:

DIA DAS MÃES: No projeto desenvolvido com os/as alunos/as do 1º ano das séries iniciais, trabalhou-se o livro Abayomi: encontro precioso, de forma envolvente. A dinâmica consistiu em levar o livro para casa, para que as famílias o lessem com as crianças. Todos os alunos participaram da leitura. Planejou-se uma culminância especial na escola em comemoração ao Dia das Mães, buscando relacionar o amor ancestral representado pelas Abayomi com o amor atual. Enviaram-se bilhetes para as mães confirmarem presença, e treze mães inicialmente se inscreveram.

Para surpresa de todos, no dia do evento, estiveram presentes 18 representantes, incluindo pais que vieram em nome das mães ausentes. Os/As convidados/as foram recebidos/as com a dinâmica do sorriso, na qual precisaram descobrir qual era o sorriso dos/das filhos/as. Cada bilhete continha uma mensagem emocionante que tocou o coração de muitas mães. Após essa interação, lembrou-se a história do livro e seguiu-se para a oficina de confecção das bonecas. Ao final, conversou-se sobre a importância daquele momento para os/as filhos/as, enfatizando que o amor do passado é tão relevante

quanto o amor nos dias atuais. A presença de cada um/a simbolizou esse amor compartilhado. O evento foi encerrado de forma emocionada, sentindo-se a força e a beleza do amor que pairava no ambiente.

DIA DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRASIL: No dia 13 de maio, apresentou-se aos alunos/as dos 1º e 2º anos a música Sorriso negro, de Dona Ivone Lara, que celebra a cultura afro-brasileira. Aproveitou-se a ocasião para discutir a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Essa lei é essencial para promover o respeito e a valorização das relações étnico-raciais. Foi um momento enriquecedor que incentivou a reflexão sobre as nossas raízes culturais. Trabalhou-se com os alunos/as o livro Insurreição de Queimado e planejou-se realizar um teatro para recontar toda a história apresentada na obra. Essa atividade visou aprofundar a compreensão dos/das alunos/as sobre os eventos históricos e culturais retratados no livro, além de estimular a criatividade e o trabalho em equipe. O teatro é uma forma divertida e envolvente de vivenciar a narrativa, permitindo que os/as alunos/as se conectem ainda mais com a cultura e a história afro-brasileira.

Estudo de caso das relações étnico-raciais com os alunos do 1º ano das séries iniciais

ENSINO-APRENDIZAGEM

Durante todo o processo de construção de novos saberes, percebeu-se inúmeras possibilidades da pesquisa-ação, e uma delas é a infinita capacidade de ensino-aprendizagem de forma lúdica e universal.

No primeiro momento, utilizou-se a dinâmica do sorriso, que reuniu pais e alunos/as em um processo de autoconhecimento e abriu caminho para a visualização do outro.

Após a interação inicial, continuou-se com a confecção de bonecas, com o objetivo de promover a interação, o diálogo e a ludicidade.

E, ao final do processo, encontrou-se um ambiente lúdico e rico por meio da musicalização, que permitiu um processo de ensino-aprendizagem capaz de transcender as amarras da culturalização do racismo.

RESULTADOS

A pesquisa-ação promoveu a inclusão, com a participação de todos, fazendo com que os/as estudantes se sentissem valorizados. Com base na inclusão, conseguiu-se trabalhar a cultura brasileira presente na microcomunidade escolar, percebendo as inúmeras possibilidades da cultura afro-brasileira.

Conseguiu-se, por meio do combate ao racismo, trabalhar a empatia, o olhar para o próximo e todas as suas complexidades. Os resultados foram impressionantes, com a participação dos/das estudantes, das famílias e dos responsáveis, e com inúmeros caminhos futuros, abrindo portas que não serão fechadas.

Estruturaram-se os objetivos para alcançar, como fonte primordial, o fortalecimento da identidade individual. Os caminhos ainda são conturbados, longos e complexos, mas é possível, por meio de inúmeras ações lúdico-pedagógicas, moldar o futuro.

PALAVRAS-CHAVE:

Diversidade

Inclusivo

Racismo

Figura 6 e 7: Registros da prática



Fonte: Acervo da autora (2024).

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 9 set.2024.

Formações continuadas “EMEF Professora Valéria Maria Miranda conversando sobre história e cultura afro-brasileira” e “Formação antirracista”



Alessandra Ribeiro Lima

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades –
PPGEH Ifes – Linha Temática: Educação para as Relações Étnico-Raciais
EMEF Professora Valéria Maria Miranda

De fevereiro a julho de 2024, foi promovida na EMEF Professora Valéria Maria Miranda uma formação antirracista para professoras/es do Ensino Fundamental e da Educação Especial. A capacitação buscou fornecer aos/as educadores/as subsídios para desenvolverem suas práticas em consonância com a Lei nº 10.639/2003, reconhecendo sua importância para combater o racismo e contribuindo para que os/as docentes apliquem-na de forma efetiva. A lei torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar brasileiro.

VINCULAÇÃO À BNCC:

A capacitação visa promover uma educação que valorize a diversidade e contribua para a formação integral dos/das estudantes, respeitando os princípios da igualdade e da justiça social. A BNCC estabelece competências gerais que dialogam diretamente com a Lei nº 10.639/2003, como: valorizar diversidade, trabalho e projetos coletivos, empatia e respeito. Além disso, reflete o esforço de alinhar as práticas pedagógicas às diretrizes nacionais e fortalecer o combate ao racismo estrutural no ambiente escolar.

DESENVOLVIMENTO:

A necessidade de repensar as formações docentes justifica-se pela urgência de dialogar sobre o racismo nas escolas e pela importância de promover reflexões que, por sua vez, impactem o fazer pedagógico. Essas práticas devem ser sustentadas por formações continuadas que conduzam os/as profissionais a vivências (trans) formadoras, fortalecendo suas práticas e tornando-as verdadeiramente antirracistas.

O racismo, uma questão que precisa ser combatida, é um legado de mais de 300 anos de escravização, cujas marcas ainda são sentidas profundamente pelas pessoas negras. Elas carregam os resquícios de um dos maiores massacres contra seres humanos, como apontado por Lima (2024).

Interessante observar que, mesmo com os avanços da humanidade e o fim da barbárie que marcou um importante marco de resistência do povo negro, as

Estudo de caso das relações étnico-raciais com os alunos do 1º ano das séries iniciais

marcas da escravização ainda permanecem na vida das pessoas negras, manifestando-se pelas nuances do racismo (Lima, 2024). Nesse contexto, a Lei 10.639/2003, evidenciada por meio de práticas pedagógicas e, sobretudo, pela mudança de postura da sociedade, desempenha um papel fundamental na educação.

Com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e na vivência enquanto estudante e professora preta, foram realizadas as Formações Contínuas intituladas “EMEF Professora Valéria Maria

Miranda conversando sobre história e cultura afro-brasileira” e “Formação antirracista”. Essas ações tiveram como público-alvo o corpo docente, abrangendo professoras dos 1ºs, 2ºs e 3ºs anos do Ensino Fundamental e da modalidade de Educação Especial, e ocorreram entre os meses de fevereiro e julho de 2024. A prática pedagógica teve como objetivo:

- (Re)conhecer a Lei nº 10.639/2003.
- Conversar sobre a importância dela.
- Entender o que o corpo docente sabe sobre essa legislação.
- Compreender o que, efetivamente, a lei torna obrigatório.
- Assessorar as/os professoras/es fomentando a educação antirracista.

RESULTADOS

Durante a formação, foi possível identificar os seguintes avanços:

- Reflexões sobre o principal alvo do racismo: a pele preta.
- Aprofundamento sobre a Lei nº 10.639/2003.
- Reflexões sobre a relevância de iniciativas pedagógicas voltadas ao enfrentamento do racismo.

Apesar dos resultados positivos, ainda foram observados desafios, como:

- A necessidade de que professoras/es e demais atores da educação compreendam o percurso histórico que originou o racismo.
- A apropriação, por parte dos/das educadores/as, de conceitos como raça, racismo e etnia, com o objetivo de ampliar o conhecimento e fortalecer a luta contra o racismo.

PALAVRAS-CHAVE:

Racismo Formação continuada

Educação antirracista

Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer)

Figura 8: Registros da prática



Fonte: Acervo da autora (2024).

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 17 set. 2024.

LIMA, Alessandra Ribeiro. *Emancipação dos saberes docentes no município de Serra* – ES: formação continuada para as relações étnico-raciais e a urgência da perspectiva decolonial. 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades) – Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

Professores negros que fazem a diferença na educação de Serra



Nair Célia Valério

Pedagoga, especialista em Artes Corporais, Educação Especial: áreas de Deficiência Intelectual, Deficiência Auditiva, Saúde Mental. Experiência em Gestão de Projetos Educacionais; responsável pela execução do projeto piloto “Libras na escola”
EMEF Feu Rosa

O grupo Afrolibras realiza ações de combate ao racismo desde 2023, e, em 2024, tornou-se necessário criar estratégias para multiplicar e conquistar novos/as apoiadores/as dentro dessa unidade de ensino. Na formação em Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer), realizada na EMEF Feu Rosa, os/as docentes foram incentivados e orientados sobre as várias possibilidades de abordar o tema em todas as disciplinas. Na capacitação, foi realizada uma pesquisa para identificar os/as professores/as que se declararam negros/as e, posteriormente, foi feito um convite para que participassem do Afrolibras. Houve quatro adesões, e o grupo segue com o objetivo de apresentar a cultura afrobrasileira por meio da arte, trazer para o ambiente escolar rodas de conversa sobre racismo, incentivar e valorizar a presença de professores/as negros/as nos diferentes níveis de ensino, contribuindo para um ambiente escolar que reflete a diversidade da sociedade.

VINCULAÇÃO À BNCC:

O projeto promove o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural, com foco na história e nas contribuições dos povos negros, está diretamente relacionado à formação de indivíduos conscientes e respeitosos com as diferenças. Também pode-se destacar como competência incentivar a cooperação entre estudantes e docentes na superação de preconceitos e no combate ao racismo.

DESENVOLVIMENTO:

O projeto promove o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural, com foco na história e nas contribuições dos povos negros, está diretamente relacionado à formação de indivíduos conscientes e respeitosos com as diferenças. Também pode-se destacar como competência incentivar a cooperação entre estudantes e docentes na superação de preconceitos e no combate ao racismo.

ETAPAS DO PROJETO

1º MOMENTO: Realizou-se uma reunião com os/as estudantes para criar estratégias voltadas às ações de 2024.

2º MOMENTO: Foi conduzida uma pesquisa interna no turno vespertino, com a participação de 30 professores/as, realizada nos intervalos do recreio. Durante a pesquisa, explicou-se toda a ação e identificaram-se os/as professores/as que se declararam negros/as (13 professores/as). Após a identificação, apenas 4 professores/as aceitaram o convite para se engajarem nessa luta.

3º MOMENTO: Foram realizados agradecimentos e homenagens a esses/as professores/as negros/as, seguidos por uma fala sobre a importância de todos abraçarem a causa e abordarem o racismo em suas aulas. Em seguida, o grupo artístico Afrolibras foi apresentado.

Estudo de caso das relações étnico-raciais com os alunos do 1º ano das séries iniciais

Figura 9: (A) Início das ações em 2023, com apresentações e palestras; (B) Novas ações em 2024: equipe conversa com professores sobre a pesquisa



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 10: (A) Momentos de conversas com os/as estudantes; (B) Vídeo/convite para os/as professores/as



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 11: (A) Convite culminância; (B) Dia do evento



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 12: (A) Grupo antirracista da EMEF Feu Rosa; (B) Oficinas de maquiagem, pintura africana no corpo, figurino e criação das coreografias, responsável Iara P. Monteiro



Fonte: Acervo da autora (2024).

PALAVRAS-CHAVE:

- Combate ao racismo
- Formação de professores
- Libras
- Matemática

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 9 set.2024.

Por fim, convidaram-se todos/as os/as professores/as, estagiários/as, cuidadores/as, agentes de serviços gerais (ASG), coordenadores/as e pedagogos/as para participarem da dinâmica de matemática. Esse momento, marcado pelo afeto, incluiu uma brincadeira em que os/as participantes faziam homenagens aos professores/as que se declararam negros e se juntaram ao grupo para seguir com a luta. Eles foram reconhecidos como exemplos a serem seguidos e motivo de orgulho para seus colegas de trabalho.

RESULTADOS

Em suma, podemos afirmar que a educação desempenha um papel preponderante na compreensão e no enfrentamento do racismo. Nesse sentido, os resultados foram positivos, pois conseguimos atingir o objetivo de trazer mais professores/as para esse movimento e de sermos exemplos de vida para estudantes e colegas negros.

A mudança de comportamento e a interação mais saudável e respeitosa entre os estudantes da instituição é o nosso principal objetivo. Portanto, o mais importante nessa caminhada é unirmo-nos a professores/as que acreditam que podem mudar o mundo e que, de fato, o transformam.

Acreditamos que, por meio dessas práticas, estudantes e muitos professores/as perceberão que podem fazer uma grande diferença na vida de outros ao usar suas aulas para impactar e transformar vidas. Esse é o nosso sonho!



A Educação Infantil

Brincadeiras e jogos africanos e indígenas nas aulas de Educação Física



Bianca Jahel Boreli

Licenciatura plena em Educação física
CMEI Prof.ª Sandra Maria N. Dallabernardina

O lúdico está presente em todos os contextos de aprendizagem na educação infantil. Por isso, faz-se necessária a inclusão de brincadeiras e jogos de origem africana e indígena nas aulas de educação física para o ensino das relações étnico-raciais. Dessa forma, crianças negras, pardas e indígenas terão representatividade e poderão conhecer sua ancestralidade e história, contada de uma forma não eurocentrada, mas sim de maneira descolonizada.

VINCULAÇÃO À BNCC:

A prática educacional explora outras culturas e possibilidades de brincar, apresentando os campos de experiência “O eu, o outro e o nós”, que aborda a identidade e a interação com os outros – incluindo as próprias crianças e os adultos. Além disso, o campo “Corpo, gestos e movimentos” promove uma educação que valoriza a diversidade e a identidade cultural. Em conformidade com a Lei nº 10.639/2003, essa abordagem contribui para que as crianças conheçam suas raízes, valorizem culturas historicamente marginalizadas, combatam o racismo estrutural e reforcem valores como respeito e igualdade.

DESENVOLVIMENTO:

No primeiro trimestre do grupo 2 ao 5, foram exploradas brincadeiras africanas e indígenas, que abordam a identidade e o fortalecimento das relações sociais. Iniciou-se com a brincadeira “Meu querido bebê”, em que as crianças tentam adivinhar quem é o bebê desenhado com giz no chão. Assim, exploram o conhecimento sobre seu próprio corpo, o corpo do outro e sua identidade. Elas conhecem ainda a origem da brincadeira, popular na Nigéria.

Utilizou-se também histórias indígenas para apresentar às crianças os povos originários. Foram contadas as histórias *Curumim*, de Tiago Hakiy e Andreia Vieira, e *Menino Poti*, de Ana Maria Machado e Claudius, além de utilizar vídeos para ilustrar a vivência e as tradições dos povos indígenas em suas aldeias.

Após ser exibido o vídeo *Peteca, um jogo indígena*, passou-se para a prática da brincadeira. Com o kit de petecas

grandes e pequenas da escola, houve a explicação de como se joga. Essa prática foi realizada com todas as turmas, do grupo 2 ao 5. As crianças gostaram bastante da atividade e quiseram repeti-la em outras aulas.

A prática teve sequência com a contação das histórias dos livros *Curumim* e *Menino Poti*, a partir dos quais foram desenvolvidas algumas brincadeiras, como Gavião e os passarinhos, que é um tipo de pique-pega, em que, para que o gavião não pegue o passarinho, este deve “pousar” no ninho, que é desenhado no chão, próximo a uma grande árvore. Aproveitou-se a vivência para conectá-la com outros temas: cuidado com a natureza, cores e formas.

Depois, foi feita a brincadeira “Arranca mandioca”. Primeiro, explicou-se às crianças que a mandioca é uma raiz, e foi feito um comentário sobre a alimentação dos indígenas. Durante o brincar, as crianças ficam sentadas com as mãos na cintura dos outros, e uma delas deve

Brincadeiras e jogos africanos e indígenas nas aulas de Educação Física

“puxar” o último da fila. Quem conseguir puxar vai para o início da fila, e a brincadeira recomeça.

Outra brincadeira que fez e continua fazendo sucesso entre as crianças é o cabo de guerra, que todos os grupos brincaram. Começa com uma disputa de um contra um e, depois, por grupos misturados de meninas e meninos. Por fim, fazem a “Corrida do Saci”, uma corrida usando apenas uma das pernas.

Durante as vivências das brincadeiras e das práticas, pôde-se perceber que as crianças estavam atentas e levantaram questionamentos sobre a vida dos indígenas, como tipos de vestimenta e hábitos de alimentação. Houve momentos riquíssimos de fala dos grupos. Assim, destaca-se que a prática, apesar de alguns desafios, foi bem proveitosa e positiva para criar uma educação antirracista e que valorize todas as etnias e culturas.

RESULTADOS

Durante a prática pedagógica, enfrentaram-se alguns desafios, mas que foram considerados positivos, pois, além de as crianças se divertirem, houve momentos de troca, questionamentos, posicionamentos e muita aprendizagem.

As crianças puderam vivenciar uma cultura que é pouco falada e que, por muitas vezes, é negada. As culturas africana e indígena estão no nosso cotidiano, e apresentá-las por meio de brincadeiras, jogos e histórias faz com que permaneçam vivas.

Figura 13: Brincadeiras (A) “Arranca mandioca”; (B) Cabo de guerra



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 14: Brincadeira “Corrida do Saci”



Fonte: Acervo da autora (2024).

PALAVRAS-CHAVE:

Racismo Brincadeiras Jogos
Educação infantil Educação Física

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
HAKTY, Tiago; VIEIRA, Andreia. **Curumim**. Curitiba: Posigraf, 2018.
MACHADO, Ana Maria; CLAUDIUS, **O menino Poti**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1983.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Espírito Santo indígena**: conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798–1860. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2017.

PETECA, um jogo indígena. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Cadu de Castro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EyJCTPdKqKQ>. Acesso em: 19 nov. 2024.

“Qual é o seu sonho?”



Maria da Penha Fernandes Araujo

Pós-graduada em Gestão Escolar – Faculdade Novo Milênio,
Docência da Educação Infantil – UFES
CMEI Oceania

As histórias desempenham um papel crucial na prática de Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer), pois oferecem uma forma poderosa e envolvente de transmitir conhecimentos, sensibilizar e promover a empatia. Por meio do livro *Anaya*, que narra a história de uma menina preta com o sonho de se tornar bailarina, escrito por Geisa Hupp Fernandes Lacerda, demonstra-se como é possível trabalhar os sonhos das crianças na Educação Infantil. Essas histórias contribuem para a construção da autoestima e da identidade e promovem o ensino da diversidade nas escolas.

VINCULAÇÃO À BNCC:

De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003:

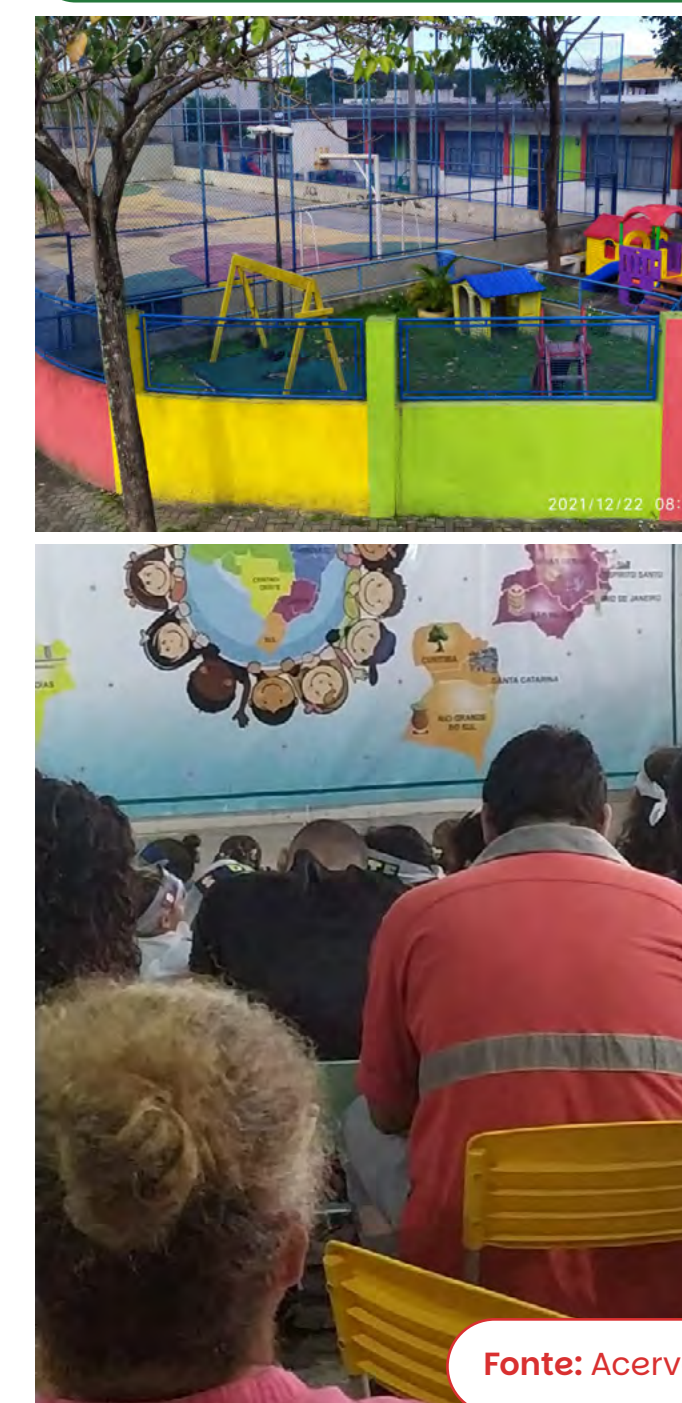
[...] o papel da Educação Infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e para a aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais que a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças devem ser estimuladas, desde muito pequenas, a se envolverem em atividades que as levem a conhecer, reconhecer e valorizar a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileira. (Brasil, 2003).

DESENVOLVIMENTO:

A questão do racismo na Educação Infantil é muito séria, complexa e afeta as crianças desde cedo. Em ambientes de aprendizado, torna-se fundamental que todos os/as profissionais estejam atentos às práticas e comportamentos que perpetuem preconceitos e desigualdades.

A presença de atitudes e práticas racistas não apenas afeta a autoestima da criança negra, mas também contribui para a perpetuação de estereótipos e desigualdades. A construção de uma sociedade igualitária começa com uma educação que valoriza e respeita todas as diferenças. Essa preocupação deve, portanto, estar presente desde a infância, caso contrário, os/as educadores/as serão responsáveis pela propagação dos preconceitos. Como aponta Cavalleiro (2001, p. 151), não há como nos mantermos neutros. É preciso optar, pois lutar contra o racismo não é tarefa exclusiva da população negra. A superação do racismo deve ser desejada pelos membros da comunidade como requisito essencial para a plena recuperação da dignidade da condição humana.

Figura 15: (A) Espaço da escola;
(B) Abertura do projeto institucional com as famílias



Fonte: Acervo da autora (2024).

“Qual é o seu sonho?”

Iniciou-se a prática pedagógica apresentando o livro Anaya, que conta a história de uma menina preta com o sonho de ser bailarina, da escritora Geisa Hupp Fernandes Lacerda. A escolha do livro e a exploração da temática “Qual é o seu sonho?” tiveram o objetivo de valorizar a importância de cada criança, possibilitando que cada uma compartilhasse seus sonhos, seus medos e suas experiências, algumas até relatando já terem vivenciado o que Anaya sentiu.

Essa vivência oferece diversas potencialidades importantes para a formação de uma sociedade antirracista e para o desenvolvimento integral das

crianças. O racismo enfrentado por Anaya não foi apenas uma questão de aparência, mas uma manifestação de um preconceito mais profundo, que muitas vezes tentava definir o que era aceitável e possível para ela.

Mesmo diante do preconceito, Anaya decidiu continuar acreditando em seu sonho de ser bailarina. Sua determinação em seguir adiante e seu orgulho por quem ela era mostraram a força e a resiliência necessárias para enfrentar e superar as barreiras impostas pelo racismo.

Nesses momentos, a família desempenha um papel crucial na vida das crianças, influenciando diretamente seu desenvolvimento. Outra abordagem é como a família pode apoiar o desenvolvimento positivo da identidade racial. As crianças, muitas vezes, não sabem como reagir a alguma situação e geralmente acabam ficando com vergonha de contá-la para os pais. Por isso, conversar sobre preconceito com a criança é fundamental.

Assim, em alguns casos, a família assume a responsabilidade de desempenhar esse papel, enquanto, em outros, transfere essa responsabilidade para a escola, já que, muitas vezes, os pais têm uma compreensão equivocada do papel da instituição de ensino.

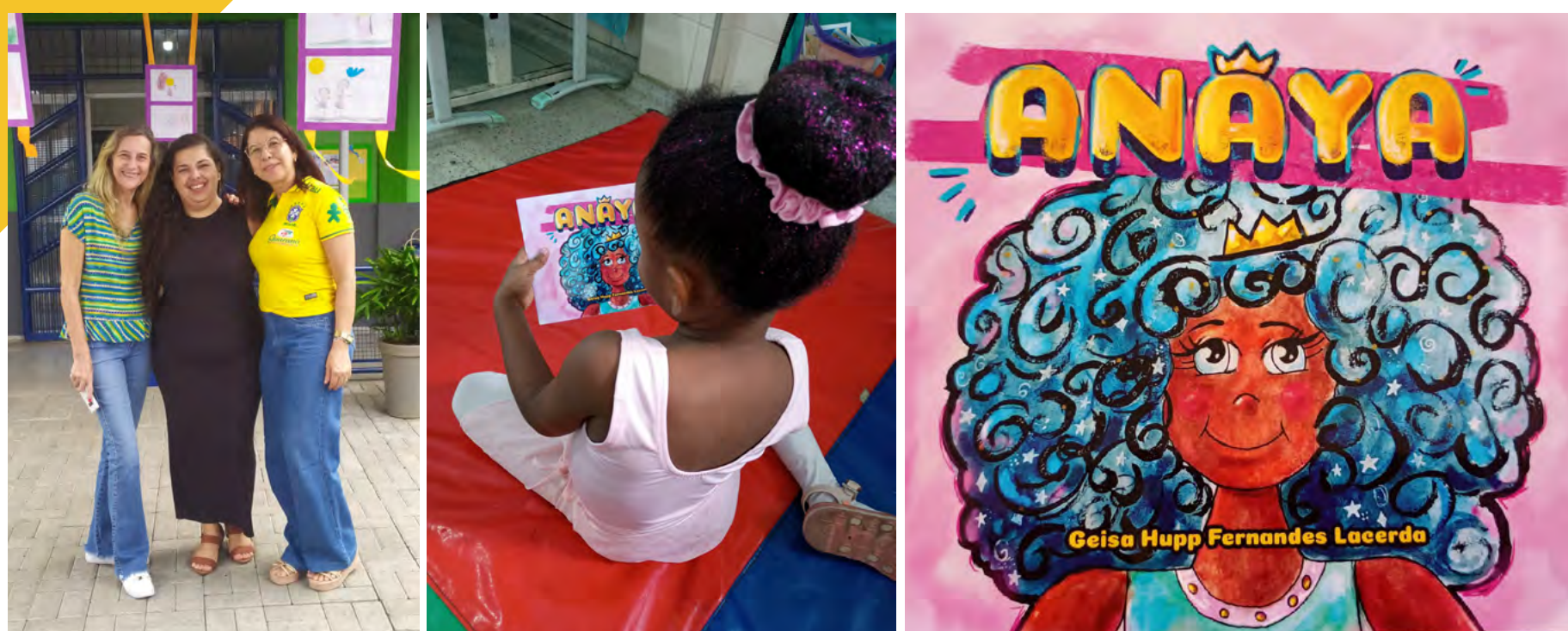
É de fundamental importância destacar o envolvimento de todos os profissionais da escola e a participação das famílias, fazendo com que, juntos, possam refletir sobre essa questão tão importante.

RESULTADOS

Após a implementação da proposta de intervenção baseada no livro Anaya com crianças do Grupo V, surgiram várias impressões e observações valiosas. A intervenção envolveu uma série de atividades criativas e reflexivas, e os resultados refletem tanto os sucessos quanto os desafios enfrentados durante o processo. Nesse percurso, entendeu-se que é necessário criar continuamente momentos em que as crianças possam falar de suas percepções de raça e etnia, além de promover o respeito ao outro como ser.

Outro objetivo alcançado foi proporcionar ao grupo de profissionais momentos de reflexão acerca da valorização da cultura afro-brasileira, destacando a necessidade de ensinar cultura e história de maneira acessível e celebrativa. Isso permitiu mostrar às crianças como essa herança é rica e importante, além de incentivar e estimular o sonho de cada uma.

Figura 16: Registros da prática



Fonte: Acervo da autora (2024).

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm. Acesso em: 9 set. 2024.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LACERDA, Geisa Hupp Fernandes. **Anaya**. São Carlos: Pedro & João editores, 2020, 12p.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

PALAVRAS-CHAVE:

Família Racismo Sonho
Prática pedagógica

Projeto A Casa de Bonecas Negras



Mirely de Oliveira Paula

Licenciatura Plena em Pedagogia e Artes Visuais, Pós-Graduada em Arte, em Educação e Educação Infantil e Anos Iniciais
CMEI Vila Nova de Colares

O projeto A Casa de Bonecas Negras foi realizado com o objetivo de oferecer às crianças negras, pretas e pardas que frequentam a Educação Infantil do município objetos e brinquedos com os quais elas pudessem se identificar, proporcionando representatividade, diversidade étnica e racial e promovendo a autoestima das crianças. O trabalho foi desenvolvido com crianças de 3 a 5 anos de idade, envolvendo os familiares, os responsáveis e a comunidade escolar. Quando a casa ficou pronta, alguns familiares ficaram maravilhados e demonstraram reações emocionadas, chegando a chorar ao se identificarem com o projeto. Eles reconheceram a importância da iniciativa ao lembrar suas próprias histórias de exclusão e a falta de representatividade vivenciada ao longo de suas vidas.

VINCULAÇÃO À BNCC:

Na Educação Infantil, ainda são escassos objetos e literaturas disponíveis nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) que representem a criança negra. Conseqüentemente, muitas vezes essas crianças são obrigadas a utilizar brinquedos e materiais que não servem como referência para sua identidade. A literatura frequentemente utilizada reforça estereótipos que ofendem a dignidade da criança negra, retratando-a apenas como “pessoa escravizada, empregada doméstica, gari ou serviçal”.

A perspectiva antirracista é essencial em todas as etapas e modalidades da educação. Dessa forma, a abordagem das questões étnico-raciais não deve ser tratada como opcional ou complementar, mas como parte intrínseca dos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. A escola, como espaço social, deve estar aberta à diversidade e utilizar estratégias lúdicas para abordar essas temáticas, criando oportunidades para que as crianças lidem com suas emoções e reorganizem seus pensamentos por meio do faz de conta.

DESENVOLVIMENTO:

O município da Serra (ES) era originalmente habitado pelos indígenas Tupiniquins. Com a chegada dos portugueses e dos escravizados, a cidade passou a abrigar uma diversidade de povos. Houve diversos movimentos de pessoas negras em luta contra o racismo e pela liberdade. Como legado, destacam-se inúmeros locais históricos e culturais, como: a Estátua do Chico Prego, o Museu Histórico de Serra, a Associação das Bandas de Congo, o Sítio de Carapina, o Sítio de São José do Queimado, o monumento da Igreja dos Reis Magos e o Espaço Cultural Elisário Rangel.

A relevância da história e da cultura negra e indígena local, aliada à expressiva população negra do território – comprovada pela predominância de crianças autodeclaradas pretas e pardas –, confirma a importância de incorporar as relações étnico-raciais na composição do Projeto Político-Pedagógico das unidades de ensino.

Muito se discute sobre representatividade negra, mas poucos compreendem seu real significado e o impacto que exerce na construção da subjetividade de uma pessoa negra. Representatividade é um elemento

Projeto A Casa de Bonecas Negras

indiscutivelmente importante para a formação da identidade individual. Entretanto, quando se trata de mulheres, pessoas com deficiência, LGBTQIA+ e/ou negras, esse direito de se ver representado no mundo é constantemente negado.

A representatividade não se restringe à organização de grupos que lutam por direitos; ela também integra a formação social e intelectual do indivíduo, apresentado desde cedo a normas, papéis e espaços sociais reproduzidos em brinquedos e brincadeiras.

Uma pesquisa realizada no CMEI com crianças de 3 a 5 anos de idade constatou que os brinquedos disponíveis focavam exclusivamente em crianças brancas, de olhos claros. As crianças negras, por sua vez, não dispunham de objetos para se reconhecerem ou se espelharem. Diante disso, os/as educadores/as incentivaram a construção de uma casa de papelão que as crianças pintaram e montaram. Em paralelo, buscaram literaturas infantis que retratassem crianças negras, histórias que as identificassem ou narrativas que abordassem a África e suas origens.

Foram desenvolvidas atividades sobre a história da boneca Abayomi, incluindo a confecção da boneca, valorizando a ancestralidade pela arte. Por meio de livros como A bonequinha preta, de Alaíde Lisboa de Oliveira, e O pequeno príncipe preto, de Rodrigo França, foi possível trabalhar a valorização da cor da pele por meio de experiências com tintas e outras literaturas. No entanto, os/as educadores/as enfrentaram dificuldades para encontrar brinquedos que representassem crianças negras, sendo necessário contar com objetos trazidos pelos próprios colegas de suas casas.

A casa foi finalizada utilizando brinquedos de cozinha da escola, comuns a todas as crianças. Ao final do projeto, a casa e os brinquedos foram apresentados, causando impacto positivo. Tanto as crianças quanto os familiares ficaram encantados, especialmente com as bonecas que refletiam a beleza das crianças negras, chamando atenção pelos cabelos e pela cor da pele.

RESULTADOS

As atividades foram registradas de forma sistemática em um caderno específico, no qual foram anotados novos acontecimentos, conquistas e mudanças observadas no grupo ou em crianças específicas. Também foram registrados dados e situações significativas sobre o trabalho realizado, bem como reflexões sobre atitudes e sentimentos.

A construção da casa foi concluída com êxito, e o objetivo de apresentar brinquedos que representassem a beleza e a riqueza da criança negra foi alcançado. Esse impacto foi perceptível nos rostos e sorrisos das crianças e de seus pais, bem como nos relatos de profissionais do CMEI. A casa de bonecas também proporcionou oportunidades para trabalhar temas sobre racismo e diversidade com toda a comunidade escolar, promovendo um aprendizado que comoveu estudantes, educadores/as e familiares.

Figura 17: Registros da prática



Fonte: Acervo da autora (2024).

PALAVRAS-CHAVE:

Racismo
Identidade negra
Preconceito

REFERÊNCIAS:

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. 6. ed. [S. l.]: Selo Negro, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. [S. l.]: Global, 2016.

Livro A descoberta de *Alika* e o Congo de Manguinhos no CMEI Vovó Ritinha



Tamiris Souza de Oliveira

Mestra em Educação – Ufes

CMEI Vovó Ritinha

O Congo é uma manifestação cultural típica da cultura capixaba e um elemento cultural forte no bairro. Por esse motivo, está presente, pelo terceiro ano consecutivo, no Plano de Ação do CMEI, dada a sua importância na formação da identidade local. Foi utilizado o livro *A descoberta de Alika*, da escritora Rafaela Camargo, para aproximar o tema das crianças, além de oficinas de música e ritmo com o Capitão da Banda de Congo Jovem de Manguinhos. Realizou-se também um Cortejo de Congo no entorno do CMEI, com a participação das famílias. Dialogando com Rufino (2019) e Krenak (2022), a ação desenvolvida foi vista como uma possibilidade de educação não colonial e de valorização da ancestralidade.

VINCULAÇÃO À BNCC:

Trabalhar com músicas, danças e narrativas do Congo contribui para a ampliação da compreensão das contribuições africanas e afro-brasileiras na formação da identidade cultural brasileira, alinhando-se aos princípios da BNCC. Esse trabalho favorece o desenvolvimento da competência 1 (Conhecimento), que valoriza as culturas e as identidades diversas, e

da competência 6 (Trabalho e projeto de vida), ao fortalecer o senso de pertencimento e o reconhecimento de raízes culturais. Além disso, a proposta está em consonância com a competência 9 (Empatia e cooperação), que promove o respeito às diferenças e a convivência democrática, e com a competência 5 (Cultura digital), ao utilizar recursos e linguagens como a música e a dança para construir conhecimento.

DESENVOLVIMENTO:

O CMEI Vovó Ritinha está localizado na comunidade de Manguinhos, litoral do município de Serra (ES), uma tradicional vila de pescadores. É uma comunidade com grande movimento cultural, que vai desde o tradicional banho de mar à fantasia até a fincada de mastro em dezembro. Outro elemento cultural forte no bairro é o Congo, que, pela importância na construção da identidade local, está presente no Plano de Ação do CMEI pelo terceiro ano consecutivo.

O Congo é uma manifestação típica da cultura capixaba, presente no Brasil desde o Período Colonial. Une o batuque dos negros e dos indígenas à religiosidade católica trazida pelos portugueses. Em Serra, esse processo ocorreu dentro de um contexto rural e litorâneo. Consideramos importante desenvolver uma abordagem sobre o tema Congo em nossa unidade de ensino, não apenas como um elemento cultural da comunidade local, mas também como uma forma de valorização da cultura.

Iniciou-se a ação em 1º de agosto, com uma grande oficina de Congo conduzida pelo Capitão da Banda de Congo Jovem de Manguinhos, que também é professor

de capoeira no CMEI. Ao longo do mês, o tema Congo foi abordado com as crianças de várias formas, por meio de vídeos sobre a história da Banda de Congo da Comunidade de Sant'ana de Manguinhos, além de histórias, músicas e ritmos.

Com as crianças do grupo 4, foi trazida para o diálogo a história A descoberta de Alika, de Rafaela Camargo, que aborda de forma lúdica a história do Congo serrano. Com ela, foi possível dialogar com as crianças sobre identidade racial, além de discutir parte da história da população negra no município, a história do município de Serra e o patrimônio imaterial que é o Congo capixaba.

Realizou-se, no dia 15 de agosto, um passeio pela Vila Manguinhos, com o objetivo de conhecer um pouco da diversidade natural do bairro e visitar alguns espaços históricos, como as tradicionais bancas dos pescadores.

Com as crianças do grupo 4, abordamos a importância dos pescadores na história, destacando a réplica do barco Palermo, que está presente nas procissões de festejos em Manguinhos. Em sala de aula, realizamos atividades sobre a personagem do livro e o barco,

Livro *A descoberta de Alika e o Congo de Manguinhos no CMEI Vovó Ritinha*



Figura 18: Registros da prática



Fonte: Acervo da autora (2024).



artefato que despertou a curiosidade de Alika. Também confeccionamos uma réplica do barco Palermo, que esteve presente no cortejo do CMEI.

Em uma grande ação coletiva, realizada em 22 de agosto, realizou-se um Cortejo de Congo no entorno do CMEI. Nesse dia, as crianças trouxeram instrumentos percussivos produzidos em casa com as famílias. Com a presença do mestre e capitão da Banda de Congo Jovem de Manguinhos, realizamos, juntamente com as famílias, uma linda festa de Congo, como diziam as crianças.

RESULTADOS

No decorrer desses três anos do projeto de capoeira presente no CMEI, juntamente com o mês de agosto dedicado à história e cultura local, são notáveis alguns avanços, especialmente no que se refere ao racismo religioso, devido ao envolvimento e à alta participação das famílias e da comunidade local. Além disso, possibilita “[...] atividades pedagógicas que fortalecem a identidade da comunidade, através do reconhecimento de seu patrimônio cultural, isto é, dos modos de vida, de trabalho, da memória [...]” (Guimarães apud Borba; Rosa, 2016, p. 3).

O racismo estrutural do Brasil, a todo momento, cria mecanismos para nos distanciar de tudo o que não seja colonizador. Segundo Rufino (2019), “[...] para a lógica colonial, matar os corpos é também praticar o extermínio das sabedorias; epistemicídio e biopoder” (Rufino, 2019, p. 30). Nesse sentido, combater o

esquecimento é a principal arma contra o desencanto do mundo, ou seja, a emergência de outro horizonte filosófico, orientado pelo princípio da ancestralidade. Recorremos a Rufino (2019) e seu conceito de encruzilhada: “Afinal, a própria noção de encruzilhada é um saber praticado ancestralmente que aqui é lançado como disponibilidade para novos horizontes que reivindicam a sofisticação de um mundo plural, pujante e vigoroso, contrário e combativo ao desencanto do mundo” (Rufino, 2019, p. 16).

O sentimento de pertencimento, curiosidade e cuidado com o ambiente que circunda o CMEI não é algo inerente. Sua relação com todos esses elementos, sim, é um fato. E como podemos potencializar essa relação? “O que nossas crianças aprendem desde cedo é a colocar o coração no ritmo da terra” (Krenak, 2022, p. 118).

PALAVRAS-CHAVE:

Congo Educação

Ancestralidade

REFERÊNCIAS:

BORBA, Carla; ROSA, Tatiana (org.). *Projeto Marés: movimento da arte e da educação, Manguinhos* – ES. Vitória, ES: Editora PROEX/UFES, 2016.

CAMARGO, Rafaela. *A descoberta de Alika*. Vitória, ES: Nsoromma, 2023.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.



O Ensino
Fundamental

Saberes ancestrais e educação contemporânea: a integração dos conhecimentos indígenas aos objetivos de conhecimento da BNCC

O conhecimento e a informação constituem os principais agentes para a construção de uma educação antirracista. Por meio da formação continuada sobre as relações étnico-raciais destinada ao corpo docente, com encontros presenciais, virtuais e a troca de ideias, pode-se contribuir para que a perspectiva decolonial se torne intrínseca à práxis pedagógica a cada ano. Essa prática pedagógica desmistifica limitações e apresenta possibilidades simples e eficazes de romper com o ensino eurocêntrico, aplicando a história e a cultura afro-brasileira e indígena de forma cotidiana em sala de aula.

VINCULAÇÃO À BNCC:

Com base nos textos de Nilma Lino Gomes, “descolonizar os currículos é um desafio à luz da LDB, alterada pela Lei nº 10.639/03”, este relato de prática apresenta possibilidades cotidianas de vincular as informações e os conhecimentos adquiridos por meio da formação continuada sobre Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer) aos objetivos, às habilidades e aos conteúdos obrigatórios da BNCC. O relato busca fomentar o processo de descolonização dos currículos, promover a valorização da diversidade presente na formação histórica e cultural do Brasil e contribuir para a construção de uma educação antirracista.



Jaqueline Rios de Freitas

Licenciada em Pedagogia – Cesat, licenciada em Arte – Uniasselvi, Especialização em Alfabetização e Letramento em Educação Infantil, Séries Iniciais e EJA



Suellen Chaves Antunes Nobre

Graduada em Serviço Social – Ufes, licenciada em Pedagogia – Fabra, Especialização em Gestão Educacional – Fabra, Ed. Especial e Inclusiva – Fabra, Proeja – Ifes EMEF Carla Patrícia de Oliveira Paula

DESENVOLVIMENTO:

As intervenções pedagógicas foram desenvolvidas de forma colaborativa para promover uma educação mais inclusiva. O foco central esteve em associar a cada conteúdo presente no livro didático do 4º ano algum conhecimento e/ou saber da cultura indígena, articulando-os aos objetos de conhecimento da BNCC. Dos/Das 16 alunos/as atendidos/as no 4º ano, três pertenciam ao público-alvo da Educação Especial. Algumas propostas foram disseminadas para os demais estudantes da escola, como será explicado a seguir. A comunidade também será impactada por uma ação de conscientização ambiental até o fim do ano letivo de 2024.

PRÁTICAS

CIÊNCIAS: Foi trabalhado o estudo de Isaac Newton sobre a influência gravitacional da Lua nas marés, associado à lenda do boto-cor-de-rosa, cuja narrativa descreve o fenômeno da pororoca. Essa abordagem demonstrou que os indígenas Tupinambás conheciam, de forma empírica, a relação entre as fases da Lua e as marés. Essas conexões fomentaram pesquisas sobre tecnologias indígenas e resultaram em uma exposição aberta para as outras turmas no mês de abril.

Figura 19: Registros da prática



Fonte: Acervo das autoras (2024).

Saberes ancestrais e educação contemporânea: a integração dos conhecimentos indígenas aos objetivos de conhecimento da BNCC

LÍNGUA PORTUGUESA: A literatura desempenha um papel importante tanto como ferramenta para a valorização dos povos originários quanto para o ensino de vocabulário, gramática e ortografia da Língua Portuguesa. Os livros mais utilizados foram: O tupi que você fala, O cocar de Raoni, Catando piolho, Contando histórias e Aldeias, palavras e mundos indígenas.

Também foram abordados os significados das palavras de origem indígena que deram nome a bairros e cidades do Espírito Santo.

GEOGRAFIA: Na unidade sobre município e a divisão política do país, foram apresentados o atual território brasileiro, o mapa político brasileiro e a divisão regional oficial do país. Nesse momento, foram apresentados também os povos indígenas que habitavam essas regiões anteriormente. Quando se falou sobre os poderes municipais, estaduais e federais, foi abordada a organização social dos indígenas.

HISTÓRIA: Foram trabalhadas as atividades econômicas, destacando o desenvolvimento da agricultura no Antigo Egito e a agricultura de subsistência dos povos indígenas. Foram destacadas a produção da mandioca e o artesanato indígena, bem como suas ferramentas do dia a dia: cesta, peneira, entre outros.

A ação de culminância será uma tentativa de conscientizar a comunidade a parar de jogar lixo na esquina em frente à escola. Os/as estudantes pintarão pneus com desenhos indígenas e plantarão ervas medicinais e plantas frutíferas nativas da região.

RESULTADOS

Com as ações e a abordagem da temática indígena, foi possível conectar as diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma aprendizagem mais rica e integrada. Criaram-se oportunidades de trocas culturais e de saberes, o que contribuiu para um aprendizado mais contextualizado e relevante para a realidade dos/das alunos/as.

A intenção foi iniciar a desconstrução de preconceitos e o combate à discriminação racial e cultural, mostrando as contribuições significativas desses povos na formação da sociedade serrana e brasileira. Sentiu-se que foi estimulado o pensamento crítico ao incentivar os/as estudantes a questionarem as narrativas eurocêntricas predominantes no ensino de história e outras disciplinas, oferecendo uma visão mais ampla e equilibrada.

Ao integrar a história, a cultura, as línguas e as tradições indígenas no currículo, trabalhou-se para que os/as estudantes pudessem desenvolver uma maior valorização e um maior respeito pela diversidade cultural do Brasil. Isso ajudou a iniciar o combate aos preconceitos e estereótipos, promovendo uma visão mais inclusiva e plural.

PALAVRAS-CHAVE:

Descolonização Formação continuada
Currículo Diversidade Educação antirracista

Figura 20: Registros da prática



Fonte: Acervo das autoras (2024).

REFERÊNCIAS:

ALVES, Andressa. Bem-me-quer-mais: geografia 4º ano. São Paulo: Editora do Brasil, 2021.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012.

HIPÓLIDE, Márcia Cristina. Bem-me-quer mais: história, 4º ano. São Paulo: Editora do Brasil, 2021.



Lucineia João de Amorim

Professora especialista em Educação Especial



Máxima Das Neves Andreato

Pedagoga e especialista em Metodologias e Práticas para o Ensino

EMEF Prof.ª Amélia Loureiro Barroso

Racismo no futebol brasileiro

Tendo em vista os constantes casos de racismo apresentados pela mídia no futebol brasileiro e o que determina o Projeto de Lei nº 288/2022, que obriga o ensino do combate ao racismo na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, foram apresentadas aos/às estudantes as formas de racismo no futebol do passado e na atualidade. Por meio de notícias, manchetes de jornais e outros, foi possível correlacioná-las com as situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, promovendo a reflexão, o debate e o combate a práticas discriminatórias.

VINCULAÇÃO À BNCC:

Foram trabalhadas as habilidades: (EF35LP15) Opinar e defender ponto de vista sobre tema polêmico relacionado a situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, utilizando registro formal e estrutura adequada à argumentação, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. (EF05HI04) A correlação entre as situações vivenciadas pelos/as estudantes e o conteúdo apresentado, com foco no racismo no futebol, pode ser entendida como uma prática que busca desconstruir preconceitos e promover a equidade.

DESENVOLVIMENTO:

O futebol foi a ferramenta pedagógica utilizada para trabalhar o combate ao racismo, promovendo a cidadania e os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos. Foram realizadas coleta e análise de dados, leitura, interpretação oral e produção de textos de diferentes gêneros.

1º DIA: Os/as estudantes foram organizados em duplas, e foi entregue a eles as fotografias a seguir, para que lessem e descrevessem/falassem o que viam nelas (disciplina de história).

Propôs-se uma conversa para que cada dupla compartilhasse sua interpretação das imagens oralmente, utilizando a dinâmica “Eu também”. Cada dupla respondia às questões em voz alta e, quando as outras duplas ouviam respostas semelhantes às que haviam escrito, levantavam-se das cadeiras e diziam bem alto: “Eu também”.

Depois da atividade com as duas imagens, as professoras revelaram que ambas as imagens apresentadas mostravam jogadores de futebol da seleção brasileira em períodos diferentes da história do nosso país. Explicaram que, ao contrário do que ocorre hoje, na época da primeira foto não era aceito ter jogadores negros no futebol.

Foi apresentada a manchete do jornal *El deporte al día* e foi proposto que os/as estudantes dissessem o que estavam vendo. Em seguida, os/as estudantes escutaram o áudio que conta a história relacionada à imagem da manchete do jornal.

Após, houve um diálogo com os/as estudantes sobre o áudio escutado.

Foi ainda proposta a leitura compartilhada do texto escrito do áudio ouvido pelos/as estudantes, para garantir a compreensão dos fatos (episódio de racismo) que ocorreram no futebol brasileiro nesse período histórico.

Racismo no futebol brasileiro

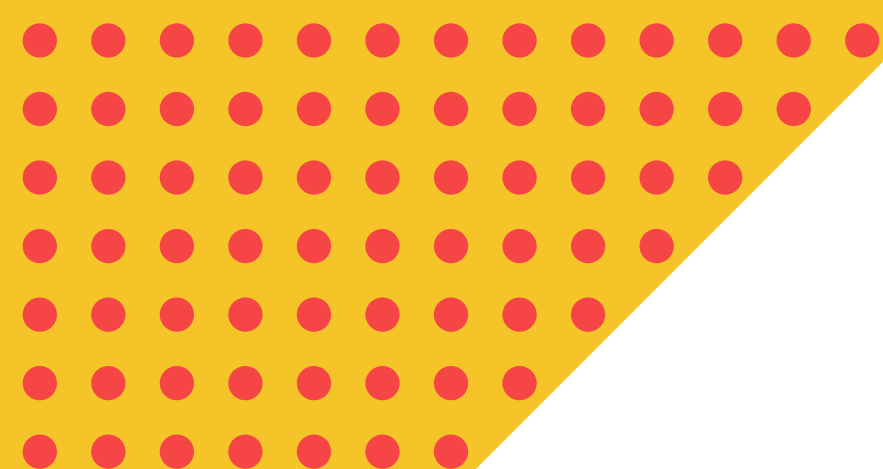


Figura 21: Registros da prática



Fonte: Acervo das autoras (2024).

2º DIA: Foi apresentado o vídeo: 70 anos de “O negro no futebol brasileiro” e o racismo no futebol nacional nos dias de hoje. Em seguida, propôs-se um diálogo para que os/as estudantes pudessem expressar suas impressões sobre as informações do vídeo (disciplina de língua portuguesa).

3º DIA: Organizados em duplas, os/as estudantes receberam o texto “Acusações de racismo em estádios brasileiros”. Foi realizada a leitura compartilhada e o

diálogo sobre a gravidade dos relatos de racismo e a frequência destes. Ainda em duplas, os/as discentes realizaram a localização no mapa do Brasil dos casos de racismo denunciados nos estádios dos estados brasileiros (disciplina de geografia).

4º DIA: Nesse dia, os/as estudantes realizaram uma enquete com outros/as colegas da escola. Cada dupla foi a uma turma da escola e convidou dez estudantes para participar da enquete.

Depois da realização da enquete, orientados pelas/os professoras/es, cada dupla construiu um gráfico de colunas com os dados coletados, que depois foram afixados na área externa da sala para que outros/as estudantes pudessem visualizar (disciplina de matemática).

5º DIA: Como atividade extraclasse, propôs-se uma entrevista oral e escrita com um dos familiares.

Em seguida, a entrevista foi apresentada oralmente pelos/as estudantes em sala (disciplina de língua portuguesa).

RESULTADOS

Durante toda a prática pedagógica, foi possível acompanhar o envolvimento dos/das estudantes e perceber que alguns estenderam o diálogo sobre o racismo aos seus familiares. O desafio que permanece é levar os/as estudantes a identificar as práticas racistas que se apresentam além dos xingamentos, de forma mais velada, mas nem por isso menos violenta.

PALAVRAS-CHAVE:

Racismo Futebol brasileiro
Prática pedagógica

REFERÊNCIAS:

70 ANOS de “O Negro no Futebol Brasileiro” o racismo no futebol nacional nos dias de hoje. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (18 min). Publicado pelo canal Observatório da Discriminação Racial no Futebol. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAY-bbbSyoU>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 288/2022**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para determinar a inclusão do combate ao racismo nos currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio e a inclusão, mediante abordagem interdisciplinar, dos temas que especifica nos conteúdos programáticos do ensino fundamental e do ensino médio. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [2023]. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2397809>. Acesso em: 9 set. 2024.

Revisitando clássicos e valorizando a literatura afro-indígena brasileira



Berenice Furtado de Oliveira

Pedagoga, pós-graduada em Séries Iniciais, Alfabetização e Letramento, Docência Superior e graduanda em Direito
EMEF João Calmon

“O racismo no espaço escolar não apenas desqualifica a capacidade de aprendizado, mas também impede o desenvolvimento pleno de uma sociedade mais justa e inclusiva.”

BERENICE FURTADO

Visando desconstruir estereótipos e promover a valorização das culturas afro-brasileira e indígena, realizou-se a análise crítica de contos clássicos e de obras que exaltam a resistência negra e indígena, explorando diferenças, contrastes e semelhanças com a vida dos/das estudantes. A literatura foi a ferramenta central dessa prática pedagógica, e as atividades incluíram leitura, reescrita de histórias, incentivando os/as estudantes a refletirem sobre representatividade e respeito à diversidade. Os resultados mostraram uma mudança significativa na percepção dos/das estudantes sobre questões étnico-raciais, contribuindo para o fortalecimento da autoestima, a valorização das diferenças e a promoção de um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

VINCULAÇÃO À BNCC:

A análise crítica de contos clássicos e a promoção da valorização das culturas afro-brasileira e indígena contribuem para o desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia e respeito às diferenças. Essa abordagem serve como uma ponte para o desenvolvimento de uma educação que promova a cidadania, os direitos humanos e o combate ao preconceito, fortalecendo a autoestima e promovendo um ambiente escolar mais inclusivo e equitativo.

DESENVOLVIMENTO:

A presença do racismo tem sido uma constante em nossa sociedade. Não são raras as reportagens de ataques racistas veiculados pelas mais diversas mídias, especialmente nos muitos grupos de comunicação dos quais as pessoas participam, em contextos de trabalho ou pessoais.

Nesse sentido, a escola, vista como um espaço potente e parte integrante dessa sociedade, não está livre de situações que refletem a urgência de abordar os temas que serão destacados aqui. É certo que o racismo não tem sua origem na escola; no entanto, dependendo de como ele é tratado nesse espaço, pode ser potencializado ou enfraquecido (Gomes, 2008 *apud* Machado, 2018). E é no enfraquecimento desse racismo que se faz nossa aposta.

Nessa prática pedagógica, utilizou-se a literatura como principal ferramenta, a partir da análise crítica dos contos considerados “clássicos”, como *Branca de neve*, *Chapeuzinho vermelho* e outros, em comparação com

Revisitando clássicos e valorizando a literatura afro-indígena brasileira

Figura 22: Registros da prática



Fonte: Acervo da autora (2024).

obras que exaltam a resistência negra e indígena, como *Cabelo de Lelê*, *Menino Poti*, *Natalino pretinho pretinho*, *Belinha e Ploft*, *Ganga Zumba*, *Caderno sem rimas de Maria*, *Histórias africanas*, *Flora*, *Insurreição de Queimado*, *A revolta das princesas*, *Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre*, entre outras. O trabalho buscou desconstruir estereótipos, estimular o pensamento crítico e promover uma visão inclusiva e diversa do mundo, promovendo, assim, uma educação antirracista.

O trabalho contou com atividades de leitura, discussão, reescrita de histórias, dramatizações e produção artística. Foram abordados diferenças e contrastes entre os contos de fadas “clássicos” e as narrativas afro-brasileiras e indígenas. Além disso, foi realizado um ensaio fotográfico, questionando estereótipos e promovendo novas interpretações. Ao longo das atividades, os/as estudantes foram incentivados/as a reescrever histórias, criar narrativas e refletir sobre como a representatividade e o respeito à diversidade podem transformar a maneira como vemos e entendemos o mundo ao nosso redor.

PALAVRAS-CHAVE:

- Educação antirracista
- Literatura
- Relações étnico-raciais
- Cultura afro-indígena brasileira

RESULTADOS

Com o trabalho executado, foi possível verificar uma mudança significativa na percepção dos/das estudantes em questões relacionadas ao contexto étnico-racial. No decorrer das atividades, observou-se uma mudança na forma de abordagem quando se trata de questões relativas ao respeito à diversidade que habita o espaço escolar.

A utilização da literatura citada proporcionou aos/às estudantes a oportunidade de desconstruir estereótipos e pensar novos recomeços e fins para as histórias que sempre foram ouvidas por eles, sem que fossem feitas reflexões mais profundas em relação às questões destacadas aqui. As atividades proporcionaram aos/às estudantes uma valorização da autoestima, bem como o desenvolvimento da valorização da diferença e do respeito às culturas afro-brasileira e indígena, promovendo um ambiente escolar mais acolhedor e equitativo.

Foi possível perceber mudanças significativas em relação a eles próprios. Muitos começaram a assumir os cabelos crespos, a gostar de ser fotografados, a ponto de se tornarem “diretores de imagens” no ensaio fotográfico realizado em sala. Antes do trabalho, tinham vergonha das câmeras, pois se achavam feios e, no caso das meninas, começaram a soltar os cabelos que só usavam amarrados por causa do volume. Alguns, que tinham vergonha de se declararem indígenas, pardos e pretos, passaram a se identificar nesse processo de construção de sua autoimagem, tornando-se mais sorridentes. Isso nos faz acreditar que uma educação na perspectiva antirracista potencializa a autoestima dos/das estudantes no espaço escolar e, conseqüentemente, melhora a aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

MACHADO, Sandra M. Ditos não ditos, juventudes, violências, indisciplinas: tentáculos do capitalismo estético: racismos invisíveis? 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2018.

Protagonismos indígenas



Samantha Barcellos de Aguiar

Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental
EMEF Irmã Dulce

O diálogo sobre os povos indígenas, africanos e afro-brasileiros nas escolas foi estimulado pelas Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008. No entanto, embora a legislação esteja vigente há mais de duas décadas, ainda é possível observar fragilidades nas práticas pedagógicas, que não estão em consonância com os princípios da legislação e, muitas vezes, são embasadas em metodologias com viés colonialista. Este trabalho busca relatar vivências com alunos/as do 2º ano do Ensino Fundamental, em um currículo pautado em práticas étnico-raciais.

VINCULAÇÃO À BNCC:

Essa abordagem está fundamentada em diversas legislações educacionais, incluindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que reforça a necessidade de uma educação emancipatória, pautada na cidadania e na democracia. Estimular esse debate nas escolas é um compromisso com práticas pedagógicas intencionais que partem da literatura e promovem o preparo dos/das alunos/as para o exercício da cidadania, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Além disso, incentiva-se a adoção de ações antirracistas, proporcionando o conhecimento de personalidades negras e indígenas que se destacam na atualidade brasileira.

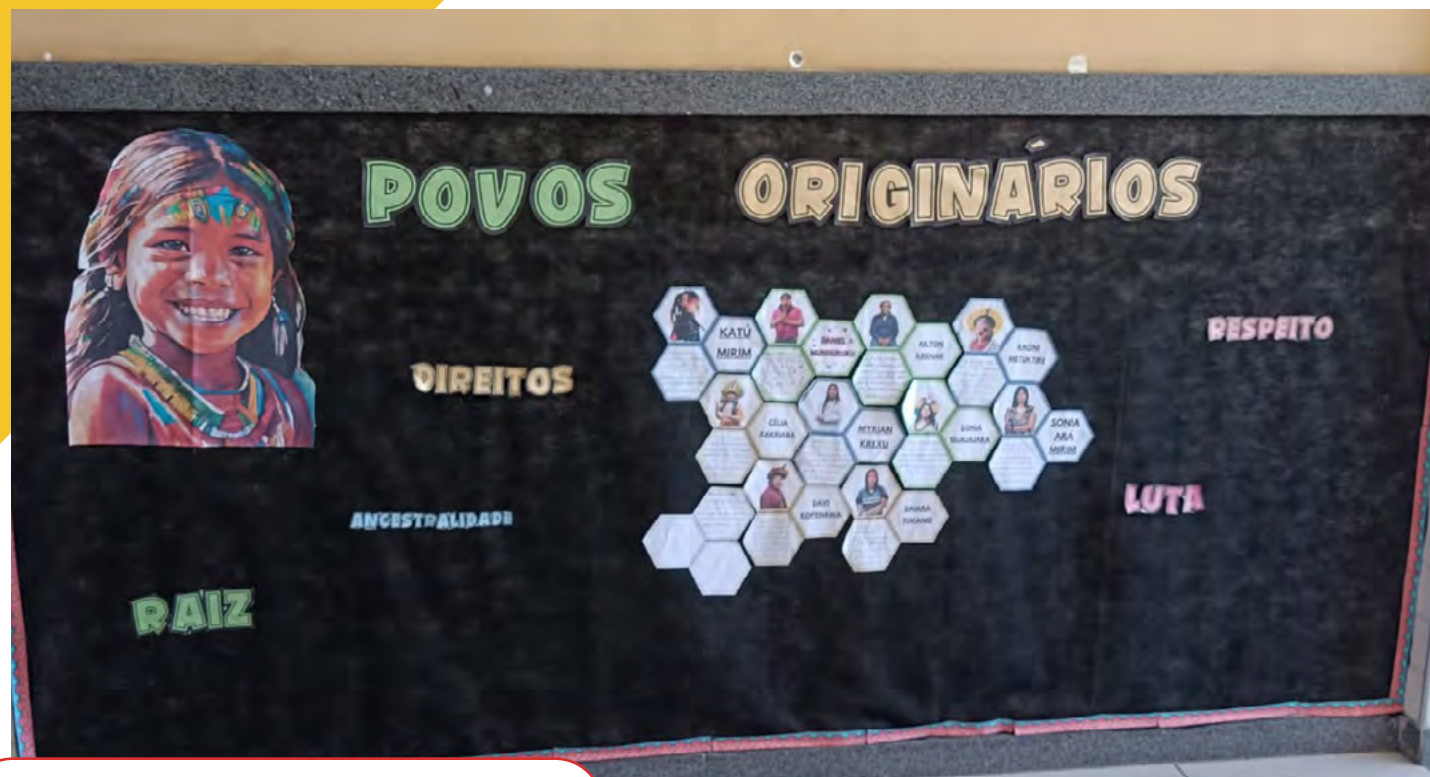
DESENVOLVIMENTO:

A intervenção iniciou-se com a leitura do livro O cocar de Raoni, de Rafaela Camargo (2024), que possibilitou aos/as estudantes dialogarem sobre os povos indígenas na atualidade, abrangendo tanto os indígenas aldeados quanto os não aldeados, reforçando que, independentemente de onde vivam, continuam sendo povos indígenas. Nesse processo, os/as estudantes realizaram pesquisas sobre personalidades indígenas que se destacam na política, na literatura, na música e em outras áreas de relevância social.

Como parte da proposta, realizou-se um piquenique temático com alimentos de origem indígena. Durante a atividade, estudaram-se os nomes desses alimentos e os participantes tiveram a oportunidade de degustá-los, acompanhados da apreciação do livro O tupi que você fala. O momento também foi enriquecido com vivências inspiradas no livro Poeminhas da terra, que retrata aspectos da infância entre os povos indígenas, proporcionando uma experiência significativa e imersiva para os/as estudantes.

Protagonismos indígenas

Figura 23: Mural montado pelos alunos/as sobre personalidades indígenas



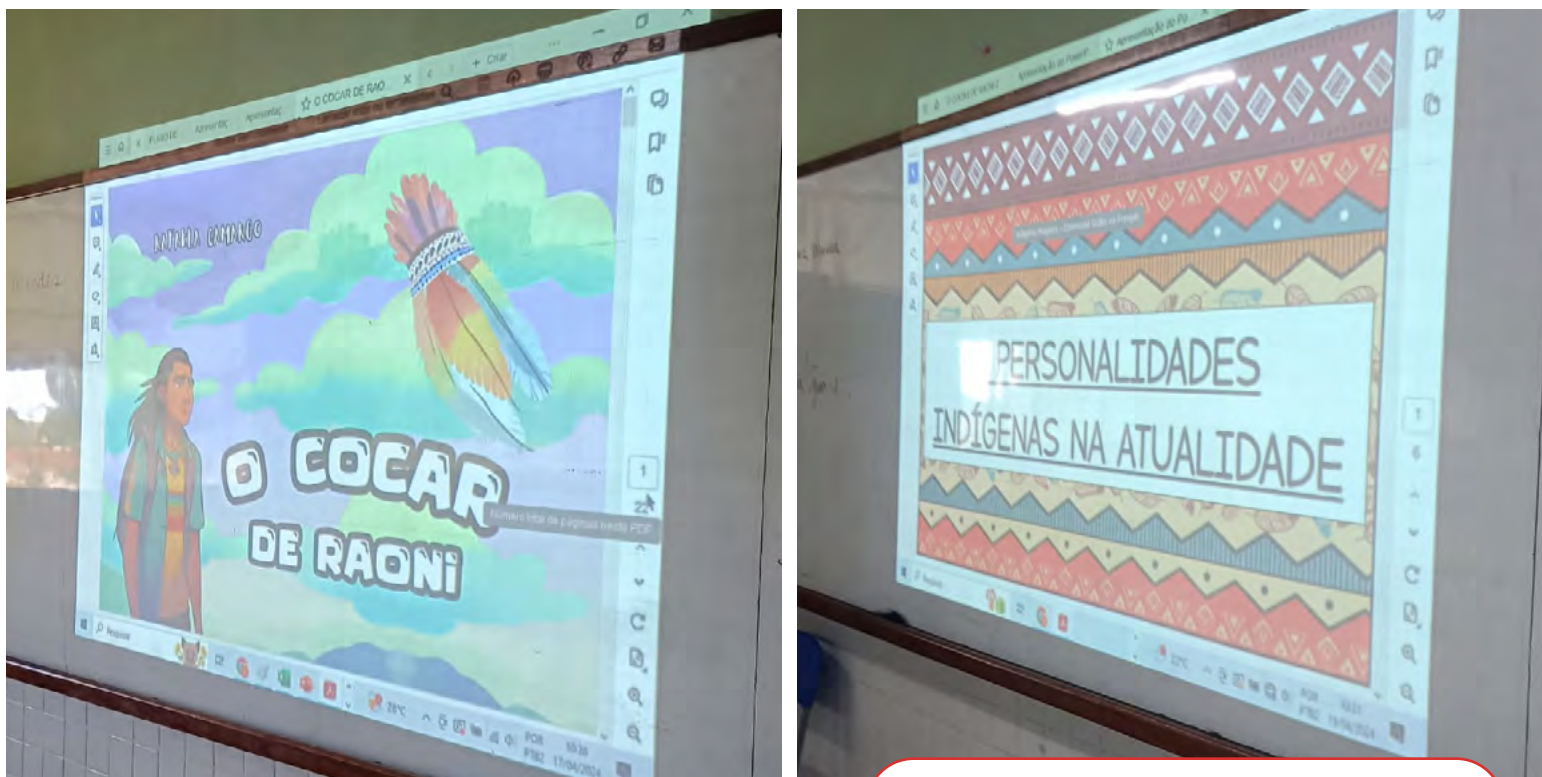
Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 24: Pesquisa de personalidades indígenas na atualidade



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 25: Apresentação das personalidades indígenas



Fonte: Acervo da autora (2024).

RESULTADOS

Com esse trabalho, os/as estudantes vivenciaram a cultura indígena por meio de uma proposta que destacou os indígenas como protagonistas de sua própria cultura. As leituras dos livros foram atreladas a vivências que incluíram pesquisas, rodas de conversa, investigações, degustação de alimentos, além da realização de atividades de alfabetização e letramento matemático baseadas nas histórias exploradas.

PALAVRAS-CHAVE:

- Educação
- Práticas pedagógicas
- Étnico-raciais

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.

CAMARGO, Rafaela. O cocar de Raoni. Serra, ES: Pedro e João Editores, 2024.

Eu sou PRETAgonista!



Valeska Maria Mathias

Graduada em Educação Artística com Licenciatura Plena em Artes Plásticas
EMEF São Diogo

O projeto Eu sou PRETAgonista! está em desenvolvimento e tem como objetivo apresentar aos/às estudantes personalidades negras, auxiliando na construção de uma identidade negra em um viés positivo, diferentemente do que lhes é apresentado por livros didáticos e/ou grandes mídias. Durante o percurso, a ludicidade estará presente em vários momentos, seja por meio de jogos, literatura ou música, contribuindo para a ampliação do repertório cultural dos/das estudantes, e reforçando a importância do respeito às diferenças.

VINCULAÇÃO À BNCC:

O projeto fomenta o respeito à identidade negra, incentivando o enfrentamento de preconceitos e promovendo ações antirracistas. Ele trabalha diretamente com as relações étnico-raciais, um tema transversal da BNCC, e contribui para o combate ao racismo ao apresentar figuras negras sob uma perspectiva positiva, alinhando-se ao compromisso da BNCC de promover a educação para as relações étnico-raciais e a valorização das culturas afro-brasileiras.

Turma e/ou Público: Turmas de 4º ano (A, B, C) do Ensino Fundamental

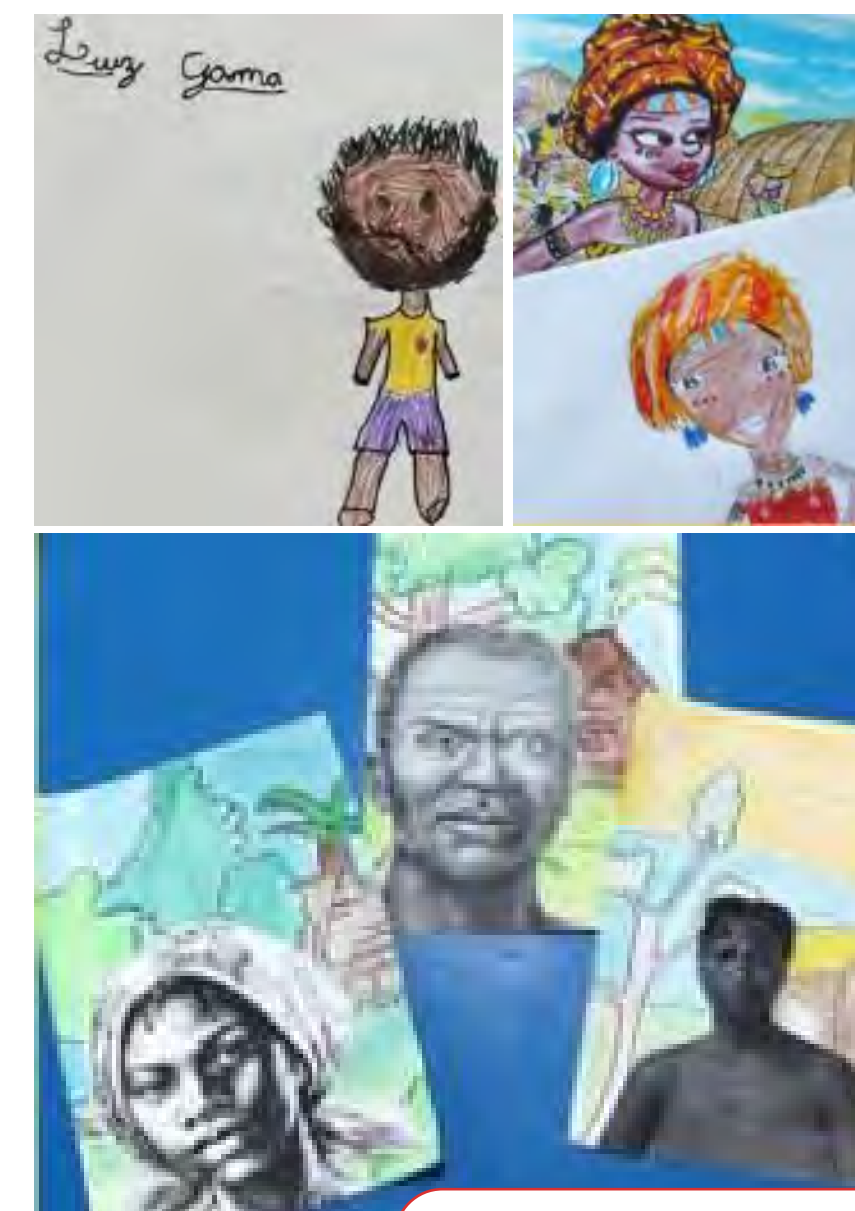
DESENVOLVIMENTO:

O Brasil tem a maior população negra fora do continente africano. Apesar disso, situações racistas ainda ocorrem com frequência em diversas esferas da sociedade. Existem muitos conceitos presentes no imaginário popular que precisam ser desmistificados. Pessoas negras ainda são apresentadas nos livros didáticos de maneira negativa, reforçando estereótipos. Essa prática pedagógica tem como finalidade apresentar personalidades que protagonizaram a história de maneira positiva.

O projeto será desenvolvido em dois momentos:

ANCESTRALIDADE: Apresentar personalidades que lutaram pelo fim da escravização, pelo fim do racismo, por respeito e equidade. Essas personalidades serão apresentadas por meio de contação de histórias e desenhos. Técnicas utilizadas: lambe-lambe e ilustração.

Figura 26: Desenhos dos personagens históricos



Fonte: Acervo da autora (2024).

Eu sou PRETAgonista!

Figura 27: Registros da atividade



Fonte: Acervo da autora (2024).



CONTEMPORANEIDADE: Apresentação de personalidades contemporâneas, em diversos campos de atuação, que atuam de forma positiva. Para algumas dessas pessoas, foram organizadas entrevistas, algumas com as turmas envolvidas, outras com representantes de cada turma de 4º ano.

Pessoas selecionadas para entrevista: Luciana Galdino (Secretária Municipal de Educação), Nico (artista gráfico), Noélia Miranda (escritora) e Gustavo Forde (professor universitário).

RESULTADOS

O resultado foi bastante positivo. A receptividade dos/das estudantes a cada atividade proposta foi muito boa. Todas as ações foram bem aceitas, fazendo com que os/as estudantes se sentissem representados/as pelas personalidades apresentadas.

Parafraçando Djamilia Ribeiro: “Minha luta diária é ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la”.

PALAVRAS-CHAVE:

Ptagonista

Representatividade

Ludicidade

REFERÊNCIAS:

AGOSTINHO, Elbert (org.). **Negritude, poderes e heroísmos:** estudos sobre representações e imaginários nas histórias em quadrinhos. Rio de Janeiro: Conexão 7, 2021.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022.

BRITO, Benilda; NASCIMENTO, Valdecir (org.). **Negras (in)confidências, bullying não:** isto é racismo – mulheres negras contribuindo com as reflexões sobre a Lei 10.639/03. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

Prazeres de Colares: a construção de uma memória sambista



Victor Hugo Mendes de Oliveira

Professor licenciado em Artes Cênicas e pós-graduado em Educação Especial e Inclusiva
EMEF Prof.ª Eulália Falquetto Gusmann

Para promover a representatividade e a reflexão cultural, explorou-se o samba, um gênero que reflete as heranças africanas. Foram trabalhadas músicas para discutir a representação racial, percepções locais e autoidentificação, conhecendo também outras regiões e discutindo as semelhanças. Nas artes visuais, estudou-se Heitor dos Prazeres e suas obras, recriando suas pinturas. O projeto resultou em uma exposição que celebrou a identidade negra e a cultura sambista.

VINCULAÇÃO À BNCC:

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte vem articulando quatro linguagens em seu currículo: teatro, dança, música e artes visuais. Essas expressões artísticas permitem que o/a estudante leia, entenda e critique o mundo a partir de seu imagético criativo dentro do seu processo de ensino-aprendizagem. Ao explorar o samba, gênero musical que reflete as heranças africanas, e estudar Heitor dos Prazeres, o projeto contribui para a valorização da cultura afro-brasileira e a reflexão sobre identidade racial.

DESENVOLVIMENTO:

Localizada em Vila Nova de Colares, no município de Serra (ES), a EMEF de Tempo Integral Eulália Falquetto Gusmann tem grande parte de seu público estudantil composto por crianças negras. O trabalho ora descrito foi desenvolvido com as turmas de 4º ano A e B, nas quais mais de 80% dos/das estudantes são autodeclarados negros e moram em uma região serrana considerada periférica. É a partir desse contexto dos/das estudantes que surge a ideia dos trabalhos realizados.

O samba, desde seu surgimento no início do século XX, tanto nos Recôncavos Baianos quanto nas comunidades do Rio de Janeiro, é um gênero que pulsa as heranças de tradições de matriz africana. A cultura sambista não ficou restrita à música. Ela se ramificou por outras linguagens, alcançando a teatralidade carnavalesca, os movimentos dançados em roda, além das visualidades e sonoridades de Heitor dos Prazeres.

O SAMBA É APENAS UM SAMBA?

Aproveitando que a escola se encontrava em uma onda de ações relacionadas ao Carnaval, realizando bailinhos, aulas temáticas e afins, introduzi o assunto das máscaras e fantasias de Carnaval, explorando uma estética da teatralidade carnavalesca. Foi partindo desse movimento que surgiu o insight: trabalhar o samba dentro das artes.

Levei, então, aos alunos/as a música Marinheiro só, interpretada por Clementina de Jesus. Em roda, escutamos a música, lemos a letra e conversamos sobre sua construção e a forma como era cantada, buscando também as palavras que rimavam. Junto com a letra, encontrava-se um desenho de um marinheiro, o qual, em um grupo de 43 estudantes, somente uma criança o coloriu com tom de pele escuro. Levamos o fato ao debate em um momento de roda de conversa, e foi perceptível que, entre eles, colorir pessoas com tom de pele claro é uma ação involuntária.

A segunda música trabalhada foi O meu lugar, composta e interpretada por Arlindo Cruz. Por meio dessa música, pudemos analisar juntos de qual lugar a música retrata e como o artista enxergava esse local. A análise nos levou ao questionamento sobre o nosso lugar: Como é

Prazeres de Colares: a construção de uma memória sambista

Figura 28: Registros da prática



Fonte: Acervo do autor (2024).

o nosso lugar? Como o enxergamos? Como era a visão que as crianças de Vila Nova de Colares, Feu Rosa e Ourimar traziam consigo sobre o lugar onde a violência é cotidianamente exposta em jornais?

A atividade, desenvolvida em forma de desenho, expôs o contrário da mídia. As crianças expressaram em seus desenhos as suas percepções acerca das ruas e dos bairros onde residem, trazendo novos conceitos a esses locais tão marginalizados pela massa midiática.

Parafraseando Criolo, existe amor em Vila Nova de Colares.

Já na música Morena de Angola, composta por Chico Buarque e interpretada por Clara Nunes, nosso diálogo foi em torno dos signos e símbolos que a música trazia.

“É correto falar morena?”, perguntei às crianças, e fui surpreendido com uma estudante dizendo em alto e bom tom: “Eu não sou morena. Eu sou preta.” Nos aprofundamos na discussão sobre autodeclaração, mas logo surgiu um outro questionamento: “Vocês conhecem Angola?”. Após as respostas de negação, aproveitei que estávamos na sala com um projetor e procuramos juntos onde ficava Angola.

Surpresos ao saber que Angola ficava em África, e de suas belezas naturais, foi possível ouvir “eu sou como eles” no meio dos comentários entre os/as alunos/as. O chocalho da Morena de Angola pegou; a música passou a ser cantada de cor pelos/as alunos/as, mexendo com eles e trazendo a identificação com um povo e uma cultura que, mesmo distante, se aproxima daquilo que somos.

O SAMBA E AS ARTES VISUAIS

Dentro do componente curricular Arte, as quatro linguagens trabalhadas frequentemente se relacionam entre si, surgindo, então, as Artes Integradas. A imersão no samba levou-nos, então, a Heitor dos Prazeres, multiartista carioca regido pela cultura sambista. Suas pinturas serviram como instrumento de construção de debates e atividades realizadas em aula com as turmas de 4º ano.

Em um primeiro momento, conversamos sobre quem era Heitor dos Prazeres e quais eram as influências em seus trabalhos. Dentro desse processo, entendemos que Prazeres foi um pintor autodidata, diluindo, assim, as percepções dos/das estudantes/as sobre o conceito de saber ou não desenhar.

Seguiram-se, então, as práticas de pintura, nas quais os/as estudantes puderam realizar suas releituras das obras de Prazeres. Foi nesse processo que algumas concepções se mostraram concretizadas, pois os/as alunos/as mantiveram características das figuras retratadas pelo artista, mesmo em seu processo de releitura.

Ao longo dessa atividade, os/as estudantes puderam realizar associações das imagens com o samba, observando a utilização dos instrumentos pelas pessoas retratadas e suas posições atreladas ao movimento dançado. Mesmo com as referências originais expostas, foram os/as próprios/as estudantes que optaram pela forma como produziram as imagens, as cores utilizadas e as técnicas de como pintar, aderindo ao processo de pigmentação da imagem, realizando pontos com a tinta até que se misturassem, cobrindo-a completamente.

RESULTADOS

Após estarem finalizadas, as produções foram expostas em um espaço comum da escola, onde qualquer estudante, profissional ou familiar das crianças poderia passar e contemplar os trabalhos realizados. Assim, as obras foram capazes de gerar um sentimento de representatividade dentro do âmbito escolar, visto que, anteriormente, a escola expunha obras com figuras sempre lidas como brancas.

Criar uma memória sambista foi um processo de criar uma autoafirmação. O processo levou à reflexão sobre nossa cultura, nossas raízes e nossas visões acerca do que produzimos e consumimos. O lugar nunca é enxergado da mesma forma por pessoas diferentes, o lado de lá é mais próximo do que imaginamos, e o marinheiro nunca está só. O samba, hoje, é parte dos prazeres de Colares.

PALAVRAS-CHAVE:

Samba Heitor dos Prazeres
Currículo de Arte
Cultura afro-brasileira
Autoafirmação Releituras artísticas

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau; Série formação do professor).

Por uma prática pedagógica de combate ao racismo na educação



Rose Martins Fernandes

Pedagoga

Professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

EMEF Altair Siqueira Costa

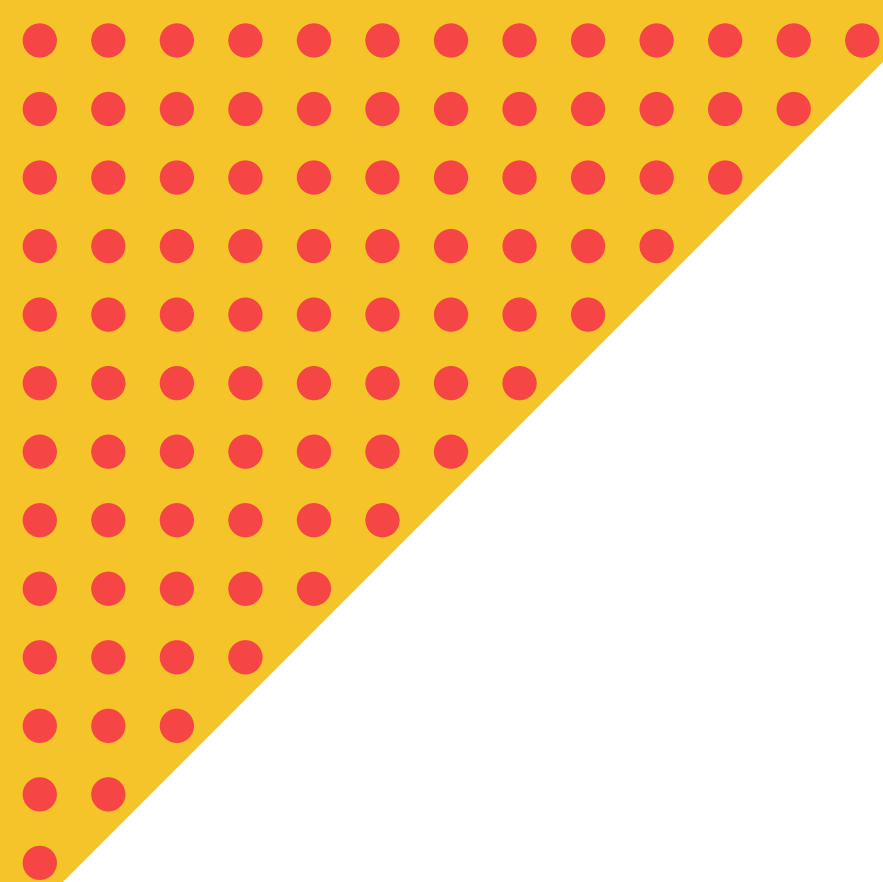
CMEI Penélope

Um projeto de leitura é o ponto de partida para a prática pedagógica realizada na EMEF Altair Siqueira Costa e no CMEI Penélope, com o objetivo de combater o racismo e eliminar preconceitos no ambiente escolar. São promovidas atividades como contação de histórias, construção de instrumentos musicais, brincadeiras tradicionais e culinária, a partir de um olhar sobre a contribuição das culturas afro-brasileira e africana à identidade brasileira. Esta iniciativa visa à promoção de uma educação para a diversidade e para o respeito aos direitos humanos.

VINCULAÇÃO À BNCC:

A BNCC enfatiza a importância do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, especialmente no Ensino Fundamental. Esse foco está presente tanto nos conteúdos da área de história quanto nas atividades relacionadas à arte, cultura e identidade. O projeto, ao integrar temas como culinária, brincadeiras tradicionais e música afro-brasileira, contribui diretamente para o cumprimento das diretrizes das Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, que devem ser abordadas de forma transversal, em diferentes componentes curriculares.

Por uma prática pedagógica de combate ao racismo na educação



PALAVRAS-CHAVE:

Práticas pedagógicas

Educação antirracista

Relações étnico-raciais

Cultura afro-brasileira

Valorização cultural

DESENVOLVIMENTO:

A abordagem da cultura afro-brasileira e africana nas escolas é um desafio constante, devido a um currículo ainda fortemente influenciado por uma perspectiva eurocêntrica, bem como pelo preconceito e desconhecimento sobre o tema. Por meio da literatura infantil foi possível integrar os temas das histórias ao currículo escolar, enriquecendo o repertório cultural das crianças e fortalecendo sua identidade.

Durante o primeiro semestre, as atividades foram focadas na exploração das contribuições africanas para a sociedade, como a fundição do ferro, a agricultura, a medicina e a matemática, e na valorização da herança cultural africana presente em histórias e lendas. Utilizamos o conceito de “griot”, o contador de histórias africano, para incentivar a oralidade e a preservação das tradições, associando essa prática às nossas escritoras e contadoras de histórias, como Noélia Miranda, Rafaela Camargo, Geisa Hupp, Andrea Pereira, entre outras.

Exploramos a riqueza da identidade afro-brasileira por meio de atividades práticas, como a confecção de instrumentos de percussão (tambor, casaca e chocalho), utilizando materiais recicláveis, e brincadeiras culturais, como a capoeira e a amarelinha africana. Também refletimos sobre a circularidade presente nas “rodas”, um elemento central na cultura afro-brasileira, seja nas rodas de história, de conversa, de música ou de dança. Essas atividades promoveram a compreensão de que a cultura é vivida e compartilhada coletivamente, criando um espaço de respeito e integração.

A culinária foi outra dimensão explorada, com a introdução de pratos típicos, como acarajé, vatapá, caruru e mungunzá, que permitiram aos/as alunos/as conhecerem alguns alimentos que fazem parte da história culinária do Brasil, destacando a importante contribuição dos negros africanos e afro-brasileiros.

Com a aproximação das Olimpíadas, ampliamos o conhecimento sobre o continente africano, explorando suas nações, suas culturas e seus símbolos, como o hino da África do Sul. Realizamos uma “viagem virtual” por meio de vídeos, conhecendo paisagens, animais e curiosidades de diferentes regiões da África.

RESULTADOS

Essas atividades geraram resultados significativos, como o aumento da conscientização e valorização da cultura afro-brasileira e africana entre os/as alunos/as, e o fortalecimento de práticas pedagógicas inclusivas que visam combater o racismo. Observamos uma maior participação e um maior interesse dos/das estudantes nas atividades propostas, embora também tenhamos enfrentado desafios, como a adaptação de materiais e a superação de resistências iniciais.

As experiências foram documentadas por meio de fotos e vídeos, que registram os momentos marcantes das atividades. Essas evidências são uma fonte de inspiração, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e para o combate ao racismo.

No segundo semestre, daremos continuidade ao projeto, aprofundando o estudo das relações étnico-raciais e promovendo uma educação que valorize a diversidade e combata qualquer forma de preconceito ou discriminação.

Agradeço a todos os envolvidos na formação, que enriqueceram este diálogo formativo sobre a cultura africana e afro-brasileira, contribuindo significativamente para o nosso desenvolvimento pedagógico.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI). Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC/CNE, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

SERRA (Prefeitura). Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Ensino. Orientação curricular: de educação infantil e ensino fundamental: articulando saberes, tecendo diálogos. Serra, ES: Abra, 2008.

Memórias do meu lugar



Rafaela Moreira Camargo

Professora especialista
Escola Tancredo de Almeida Neves

A história de negros e indígenas foi negada a partir da vivência dessas pessoas, numa tentativa de embranquecer a sociedade. Este projeto busca dar voz à cultura do povo negro da cidade de Serra, contada por meio dos protagonistas dessa história, com o intuito de, além de valorizar a cultura, promover uma educação antirracista. Para isso, procura fomentar uma reflexão sobre a história da população negra, por um viés decolonial e centrada na ancestralidade desse povo, com o objetivo de construir um currículo antirracista.

A proposta utiliza a literatura e a música como meios de “afroencantar” crianças e adolescentes dessa unidade de ensino, para que eles possam se identificar como sujeitos históricos, resgatando sua ancestralidade e afirmando sua existência como sujeitos negros na sociedade.

VINCULAÇÃO À BNCC:

É muito importante uma educação que valorize a diversidade, promova a inclusão e forme sujeitos críticos, para combater processos de exclusão e marginalização, tornando o espaço escolar um agente transformador da sociedade. Hoje, sabe-se que a construção do conhecimento perpassa pelas afirmações que o sujeito presencia ao longo do seu crescimento, e que a ausência de informações que o validem faz com que o discurso de ódio e de marginalização, do que não está no que é considerado “padrão”, aumente consideravelmente.

Portanto, o espaço escolar não poderia deixar de lado essas questões, muito menos continuar propagando ações que reafirmam e dão continuidade a esse processo excludente de marginalização. A escola, como instituição social, necessita mostrar atividades relacionadas às práticas da vida do/da aluno/a, direcionando um caminho para compreensão de suas bases históricas, conceituais, legais e dos movimentos sociais, proporcionando a formação de sujeitos críticos capazes de modificar sua realidade social.

DESENVOLVIMENTO:

Araújo (2018) nos traz um debate preponderante sobre como a literatura interfere no desenvolvimento da criança e contribui com ele, quando diz que: “[...] para crianças pequenas, as ilustrações são preponderantes. A leitura de imagens – que precede a verbal – é aguçada para as crianças, possibilitando interpretações múltiplas e muito mais ampliadas [...]”.

Entendemos crianças como seres que observam, questionam, levantam hipóteses e, por meio da interação com outros ou com novos conhecimentos, constrói o conhecimento sistematizado e se apropria dele. Portanto, utilizamos a literatura com intencionalidade para ampliar a concepção de mundo da criança.

Diante deste diálogo com teóricos afrocentrados, trilhamos caminhos pedagógicos com a finalidade de que os/as alunos/as tenham contato com literaturas que, além de estimular sua imaginação, possam também contribuir com o conhecimento da história da região onde moram. Assim, eles/elas conhecem a cultura local – as festividades como o Congo, a

Memórias do meu lugar

Figura 29: Registros da prática



Fonte: Acervo do autor (2024).

Insurreição de Queimado – a partir da ótica do povo negro, que protagonizou esses eventos, e, com isso, podem ressignificar os materiais didáticos de forma que possam contar a história que não foi contada, ou foi apagada por um currículo eurocêntrico.

Iniciamos o projeto partindo da literatura com uma roda de leitura do livro *Insurreição de Queimado: da resistência ao caminho da liberdade*. Com a leitura, os/as alunos/as puderam identificar elementos da cidade da Serra nesta obra. Dialogamos sobre a *Insurreição de Queimado*, seus protagonistas e a importância para a resistência ao regime escravocrata e a luta pela liberdade.

Com os movimentos realizados após a leitura do livro, visitamos o Centro Cultural Elisiário Rangel, situado no bairro São Diogo, na cidade de Serra (ES). Na visita, os/as estudantes conheceram os espaços do centro cultural que têm os nomes dos participantes deste movimento de Queimado, que são: Elisiário Rangel, Chico Prego, João da Viúva, Benedita Torreão e Carlos Peito de Homens.

Os/As estudantes tiveram contato com o livro *A descoberta de Alika*, a fim de não somente conhecer a obra, mas também de aprender um pouco mais sobre os movimentos culturais do Congo capixaba, que acontecem em vários momentos do ano na cidade de Serra. Realizamos uma visita à Casa do Congo, no centro da cidade de Serra, à Igreja Matriz e à estátua de Chico Prego.

Pesquisamos também pontos turísticos do município que trazem histórias que outrora não foram contadas, ou que tiveram as vozes dos povos negros e indígenas silenciadas, que foram: Igreja São José do Queimado, Igreja dos Reis Magos, Festa de São Benedito, que ocorrem em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição, no centro de Serra.

RESULTADOS

Os/As estudantes puderam conhecer a história do município de Serra (ES) por meio da história dos povos negros e indígenas, e não apenas sob a ótica europeia. Com isso, construímos movimentos curriculares pautados na cultura ancestral, na oralidade e realizando registros decoloniais.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura História

Educação antirracista

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Debora Oyayomi. Meninas e meninos negros nos livros infantis contemporâneos: três tendências positivas. In: MORO, Catarina; SOUZA, Gisele de (org.). *Educação infantil: construção de sentidos e formação*. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2018.

CAMARGO, Rafaela. *A descoberta de Alika*. Vitória, ES: Nsoromma, 2023.

SILVA, Anna Livia Ferreira da et al. *Insurreição de Queimado: da resistência ao caminho da liberdade*. Vitória, ES: Nsoromma, 2023.



Atendimento
Educativo
Especializado

Práticas em Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer) aplicadas ao ensino de literatura afro-brasileira



Jacqueline dos Santos Messias Ferreira

Professora preta, licenciada em pedagogia, pós-graduada em educação especial e inclusiva
EMEF Prof.ª Iolanda Schneider Rangel da Silva

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.”

NELSON MANDELA

A inclusão da literatura afro-brasileira no Atendimento Educacional Especializado é mais do que uma questão curricular: trata-se de um compromisso com a construção de uma educação que reflita e valorize a diversidade cultural e histórica do Brasil. Essa prática tem um papel fundamental na promoção da equidade, no desenvolvimento da identidade dos/das estudantes e no fortalecimento de um ambiente escolar mais inclusivo, crítico e respeitoso, que valorize todas as culturas e reconheça a importância das contribuições afro-brasileiras na formação da nação.

VINCULAÇÃO À BNCC:

Incluir a literatura afro-brasileira no Ensino Fundamental fomenta a compreensão, o respeito, o reconhecimento das diferentes culturas e a convivência democrática. Ao ser incorporada ao currículo escolar, ela contribui para o desenvolvimento da identidade e a valorização das culturas afrodescendentes, com o objetivo de formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Dessa forma, sua valorização reforça a construção de uma educação inclusiva, que reconhece a pluralidade cultural e histórica do Brasil.

DESENVOLVIMENTO:

O projeto foi realizado no contraturno da escola, na sala de recursos do Atendimento Educacional Especializado. Por meio dele, proporcionou-se às crianças a construção de valores e aprendizagens que possibilitam o desenvolvimento da identidade infantil e, de maneira positiva, estimulam a imaginação, a criatividade, as emoções e os sentimentos de forma prazerosa, internalizando assim novas aprendizagens relacionadas às diferentes infâncias.

Os encontros ocorreram semanalmente, de forma qualitativa, com foco na informação e na aprendizagem. Foram orientados por leitura e releitura de literaturas afro-brasileiras, interpretação de textos, pinturas, diálogos construtivos, teatro e atividades adaptadas de

fácil compreensão, considerando as especificidades das crianças – público-alvo da educação especial.

As leituras e releituras da história do Pequeno Príncipe Preto foram realizadas no jardim sensorial da escola, e as crianças adoraram estar em contato com a natureza, sentindo-se mais satisfeitas ao realizar a atividade proposta.

Como culminância do projeto, foi confeccionado um painel com as contribuições dos/das alunos/as. Esse momento não significa que as práticas de Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer) se encerraram na sala de recursos, pois, além de serem uma obrigatoriedade, constituem um tema essencial no combate ao racismo.

Práticas em Educação para as Relações Étnico-Raciais (Erer) aplicadas ao ensino de literatura afro-brasileira

Figura 30: Registros da prática



Fonte: Acervo da autora (2024).

RESULTADOS

As práticas foram desafiadoras, principalmente quando houve a repulsa de um aluno que não gostou das atividades propostas e não se reconhecia como negro. Foi realizado um diálogo com as pessoas responsáveis, que relataram problemas familiares. Após esse contato, ele melhorou suas atitudes e compreendeu a importância do tema, concluindo as atividades.

Outro grande desafio foi encontrar livros de literatura afro-brasileira na escola; havia poucos exemplares, e os que existiam eram extensos e de difícil compreensão. Solicitou-se à diretora a compra de novos livros, e ela realizou a aquisição.

O projeto teve bastante êxito, pois produziu nos/nas alunos/as novos aprendizados, novas atitudes e a valorização de suas potencialidades, além da constituição de identidades, visto que a maioria dos/das alunos/as são negros/as.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura afro-brasileira

Sala de recursos


Práticas desafiadoras

REFERÊNCIAS:

MANDELA, Nelson. [citação de Long Walk to Freedom, 2005]. Pensador, 2024. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MzMINjIw>. Acesso em: 22 nov. 2024.

COSTA, Jessica Mendonça da; CASAGRANDE, Suzana Ceccato. A inclusão da literatura afro-brasileira no currículo escolar. In: ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL (ECCI), 21., 2023. Anais [...]. [S. l.]: FAG, 2023. Disponível em: <https://www4.fag.edu.br/anais-2023/Anais-2023-68.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2024.

ROCHA, Lara. Literatura afro-brasileira: proposta de trabalho com o livro Leite do peito, de Geni Guimarães. Escrevendo o Futuro, [2020]. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/literatura-afro-brasileira/>. Acesso em: 22 nov. 2024.



A Educação de Jovens e Adultos

“Por que ele não lê?”: uma reflexão sobre Erer e a influência da família e dos contextos sociais na alfabetização



Manu Patriky Florindo Rodovalho Toledo

Professor licenciado em Pedagogia e pós-graduado em Educação Especial e Inclusiva, atuando como Professor de Educação Especial – Deficiência Intelectual
EMEF Leonor Miguel Feu Rosa

A pesquisa evidencia a influência da família e dos contextos sociais na alfabetização. O estudo apontou a necessidade de repensar as unidades de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e revelou que muitas pessoas responsáveis, especialmente mulheres negras, enfrentam barreiras significativas na educação, o que impacta negativamente o apoio no processo de alfabetização de crianças e jovens. Ressalta-se a importância de garantir a essas famílias uma educação de qualidade, para que possam assumir o protagonismo no desenvolvimento educacional de crianças e jovens.

VINCULAÇÃO À BNCC:

A BNCC destaca a importância de garantir educação de qualidade e acessível para todos, promovendo inclusão, equidade e justiça social. Ao abordar os desafios da Educação de Jovens e Adultos (EJA), como barreiras logísticas, exclusão social e questões de raça e gênero, o projeto reforça a necessidade de uma educação inclusiva que considera as especificidades dos/das estudantes e de seus responsáveis

DESENVOLVIMENTO:

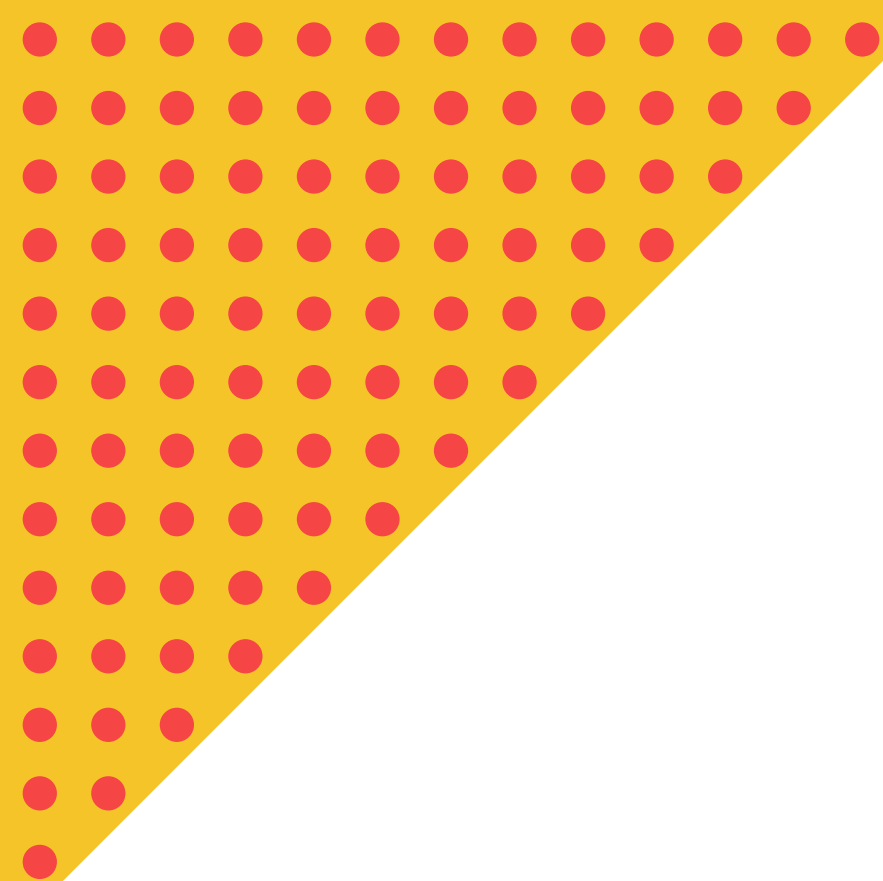
Localizada em São João, na região de Nova Almeida, no município de Serra (ES), a EMEF Leonor Miguel Feu Rosa atende, em sua maioria, estudantes autodeclarados pretos ou pardos e apresenta uma série histórica de dificuldades nas avaliações de leitura e escrita. Foi nesse contexto que a equipe de apoio do professor Manu Patriky Florindo Rodovalho Toledo, ao observar um aluno da educação especial ainda em processo de alfabetização, levantou o seguinte questionamento: “Por que ele não lê?” Essa inquietação motivou o educador a convidar as estagiárias e cuidadoras da unidade de ensino a expandirem seus olhares para outros/as estudantes, dando início à prática relatada.

A pesquisa foi realizada por meio de um formulário enviado às famílias dos/das estudantes e teve como objetivo confirmar a hipótese dos pesquisadores,

examinando a relação entre a escolarização dos responsáveis pelos/as alunos/as, a cor/etnia desses responsáveis e o impacto disso no apoio ao processo de alfabetização das crianças. As entrevistas e os formulários revelaram que a maioria dos responsáveis, predominantemente mulheres autodeclaradas pretas ou pardas, não concluiu todas as etapas da educação básica.

Esses responsáveis compartilham a dificuldade de não terem completado o ensino básico, o que pode afetar suas habilidades e sua confiança para apoiar o processo educacional dos filhos. Além disso, mencionaram a ausência de recursos educacionais e de formação específica como barreiras significativas para oferecer o suporte necessário. Essa falta de apoio reflete diretamente em uma menor efetividade no processo de alfabetização das crianças.

“Por que ele não lê?”: uma reflexão sobre Erer e a influência da família e dos contextos sociais na alfabetização



DESAFIOS E PERCEPÇÕES

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma ferramenta fundamental para promover a inclusão educacional e oferecer oportunidades de aprendizado àqueles que não concluíram a educação básica na idade apropriada. Contudo, uma análise recente sobre a percepção da EJA por pais e mães da EMEF Leonor Miguel Feu Rosa revelou uma realidade preocupante.

Os responsáveis entrevistados expressaram um forte desejo de participar da EJA, destacando a relevância da educação continuada para melhorar suas condições de vida e apoiar a formação educacional de seus filhos. Eles reconhecem a modalidade de ensino como uma oportunidade valiosa para adquirir conhecimentos e habilidades que beneficiem não apenas a si mesmos, mas também suas famílias e a comunidade em geral.

Entretanto, o entusiasmo em relação à EJA contrasta significativamente com as experiências relatadas pelos responsáveis nas unidades onde o programa é ofertado. Muitos apontaram uma sensação de desilusão e frustração, descrevendo as turmas da EJA como, em sua maioria, compostas por estudantes oriundos do ensino regular com comportamentos

problemáticos. Esses/as estudantes, frequentemente descritos como desinteressados e desrespeitosos, têm contribuído para criar um ambiente educacional desafiador e pouco acolhedor para os/as novos/as alunos/as da EJA.

Os responsáveis mencionaram sentir-se como se estivessem sendo colocados em um “quarto de despejo”, um espaço destinado àqueles considerados “problemáticos” ou “não conformistas”, em vez de um ambiente educativo que promova o aprendizado e a recuperação educacional. Essa percepção negativa tem gerado uma sensação de exclusão e desmotivação, afastando muitos interessados da EJA e comprometendo a eficácia do programa.

Outro desafio apontado na pesquisa é o deslocamento do bairro até as unidades de ensino. No trajeto, os/as alunos/as atravessam áreas com intensa atividade do tráfico de drogas, que, associadas à violência e à insegurança, desestimulam a frequência às aulas. Esse cenário não apenas coloca em risco a segurança dos alunos/as e responsáveis, mas também cria um ambiente de medo e apreensão, desencorajando a participação regular na EJA.

Além disso, a deficiência no transporte público agrava ainda mais os desafios enfrentados pelos/as moradores/as das regiões em situação de vulnerabilidade social. A linha 806 A (Circular Nova Almeida – Terminal de Jacaraípe), uma das principais rotas de transporte, não atende adequadamente a várias áreas periféricas, deixando algumas comunidades sem acesso eficiente ao transporte público.

RESULTADOS

A pesquisa revelou a necessidade imperativa de repensar as unidades de EJA, abordando questões estruturais e logísticas para melhorar o acesso e a eficácia do programa. Além disso, destacou a importância de garantir que famílias e/ou responsáveis, especialmente mulheres negras, tenham acesso à educação de qualidade. Esses responsáveis desempenham um papel fundamental no processo de alfabetização e no sucesso educacional dos/as estudantes.

A realização da pesquisa não apenas permitiu a identificação dessas necessidades e desses desafios, mas também proporcionou uma experiência de aprendizado valiosa para as estagiárias e cuidadoras da unidade de ensino. Esse processo de pesquisa e análise representa um passo crucial para promover mudanças positivas e assegurar que a EJA cumpra seu papel de forma eficaz, apoiando o desenvolvimento educacional e social da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação Especial Alfabetização EJA
Barreiras Inclusão Formação Erer

AUTORES/AS

Alessandra Ribeiro Lima
Berenice Furtado De Oliveira
Bianca Jahel Boreli
Fernanda Alves de Amorim Ruy Bobbio
Jacqueline dos Santos Messias Ferreira
Jaqueline Rios De Freitas
Juliana Gomes Machado
Lucila da Silva Tenório Gobira
Lucineia João de Amorim
Manu Patriky Florindo Rodovalho Toledo
Maria da Penha Fernandes Araujo

Máxima das Neves Andreata
Mirely de Oliveira Paula
Nair Célia Valério
Rafaela Moreira Camargo
Rose Martins Fernandes
Samantha Barcellos de Aguiar
Suellen Chaves Antunes Nobre
Tamiris Souza de Oliveira
Tânia Maria dos Santos
Valeska Maria Mathias
Valeska Santos Bergamaschi
Victor Hugo Mendes de Oliveira

EQUIPE COORDENAÇÃO DE ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS (CEER/SEDU/SERRA)

Andrea dos Santos Gabriel
Juliana Melo Rodrigues Lucas
Nadia Juliana Rodrigues Serafim

EXPEDIENTE

Apoio: Motriz

Adonias Moraes
Marléa Alves

Edição e revisão

Paula Martins
Debora Torres

Projeto gráfico e diagramação

Thiago Vieira



PREFEITURA MUNICIPAL DA
SERRA